



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE A UNIVERSIDADE**

CARLOS ALBERTO PORCINO

**“QUEM VOCÊ PENSA QUE ELA É?”:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO BACHARELADO
INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ACERCA DA TRAVESTI**

Salvador
2016

CARLOS ALBERTO PORCINO

**“QUEM VOCÊ PENSA QUE ELA É?”:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO BACHARELADO
INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ACERCA DA TRAVESTI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Jeane Freitas de Oliveira

Salvador
2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa
SIBI - UFBA.

Porcino, Carlos Alberto

P82 Quem você pensa que ela é? Representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia acerca da travesti. / Carlos Alberto Porcino.- Salvador, 2016.

98 f. il.

Orientadora: Profr^a. Dr^a. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Co-Orientadora: Profr^a. Dr^a. Jeane Freitas de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos.

1.Travestismo. 2. Representações sociais. 3.Ensino Superior – Saúde. I. Coelho, Maria Thereza Ávila Dantas. II. Oliveira, Jeane Freitas de. III. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. IV. Universidade Federal da Bahia.V.Título.

CARLOS ALBERTO PORCINO

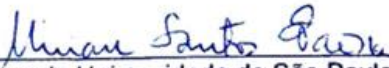
**“QUEM VOCÊ PENSA QUE ELA É?”:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO BACHARELADO
INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ACERCA DA TRAVESTI**


Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 02 de agosto de 2016.

Banca Examinadora

Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro 
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Mirian Santos Paiva 
Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Mônica Ramos Daltro 
Doutora em Medicina e Saúde Humana pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Renata Meira Vêras (Suplente)
Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal da Bahia

Aos familiares,

pelo apoio e incentivo.

As/Aos companheira(o)s do SAVIS e do SVDG,

pela amizade, acolhimento, carinho, apoio e saberes partilhados.

As/Aos professora(e)s,

por todas as oportunidades de reflexão e aprendizado.

As/Aos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde IHAC/UFBA,

o meu mais profundo e sincero agradecimento pela confiança e pela disponibilidade em fazer parte deste pesquisa.

A todas as pessoas Trans,

fonte de inspiração!

Na luta e resistência contra esse s(c)istema, colocam suas vidas em risco por 'ousarem' *transformar* sonhos em realidade!

O meu muito obrigadx!

AGRADECIMENTOS

Considerando que o conhecimento é construído/elaborado socialmente, muita(o)s foram as/os que contribuíram para que este trabalho fosse possível. Eternamente grato a cada um(a) de vocês!

A minha mãe e avós (*in memoriam*), irmãs, irmãos e sobrinha(o)s pelo apoio e admiração.

A Alencar e Filipe, companheiros de sempre, com quem compartilho sonhos e cumplicidade, apoio fundamental para que eles se concretizem.

Às minhas orientadoras, Dr^a. Thereza Coelho e Dr^a. Jeane Oliveira, o meu agradecimento especial e sincero! À Prof^a. Thereza pelo acolhimento no Grupo SAVIS e acreditar, desde o início, no potencial desta pesquisa. À Prof^a. Jeane por me acolher no SVDG e pela inserção no campo de estudos da Teoria das Representações Sociais, assim como pelo aprendizado que culminou na elaboração desta dissertação. Agradeço a vocês pelo exemplo de pesquisadoras comprometidas ética e socialmente, na condução das pesquisas empreendidas. Fatos como estes contribuem na formação ética de futura(o)s pesquisadora(e)s, pois facultam o desenvolvimento humano. Agradeço, ainda, pelas horas intensas demandadas por este trabalho, pelo incentivo em todos os momentos, especialmente naqueles que foram muito difíceis para mim. Assim como por tudo que tenho aprendido e apreendido ao longo desses anos e pelo carinho e cuidado que vocês têm comigo. Sem vocês, nada disso seria possível!

À professora Mirian Paiva, pelas contribuições e discussões acerca dos aspectos teóricos e metodológicos concernentes à Teoria das Representações Sociais, fundamental para a construção deste trabalho, o meu eterno agradecimento.

A toda(o)s a(o)s minha/meus amiga(o)s! Muitíssimo obrigado por vocês existirem e por estarem sempre próximos e disponíveis! A vida seria completamente sem graça, sem a presença de cada um de vocês! Um obrigado especialmente a Virgínia Teles, Angélica Mendes, Andrezza Bellushi, Millena Passos, Guida Fran, Cristiane Purificação, Josinete Lopes, Eduardo Pinheiro, Mirian Alves, Paulo Silva, Manoel Cerqueira, Aline Soares, Claudinéa Carlos, Cristiano Santos e Dennys Gomes pela presença constante e inspiradora!

À Liliana Lopes, pessoa inestimável! Os caminhos que me conduziram ao mestrado... antes, me levaram a você.

Às/Aos amiga(o)s e colegas do Hospital Geral Ernesto Simões Filho (HGESF), pelo carinho, amizade, respeito e atenção nos vários momentos que compartilhamos junta(o)s. Apesar da impossibilidade de citá-la(o)s nominalmente, porque a lista ficaria interminável, destaco em nome de toda(o)s: Wilson Dantas, Regina Matos, Jaltair Ferreira, Normalina Nascimento, Sueli Santos, Evanete Argolo, Ione, Edson, Sufia Bispo, Mário Tadeu, Noélia, Amélia, Ginaildes, Denise, Diva, Therezinha, Marielza, Marizélia, Marilane, Jôse, Iraci, Dr^a Zenilda, Mariá, Arnaldo e Lúcia Lima, minha eterna gratidão!

À Caroline Fantinel, secretária do PPGEISU, pela atenção e orientação adequada no encaminhamento de questões administrativas.

Ao professor Washington da S. Santos, pelos momentos de aprendizagem e treinamento para utilização do EVOC.

Às professoras Adriana Pimentel e Anamélia Franco, pelo quanto pude refletir e avançar a partir das contribuições oferecidas antes de iniciar este trabalho, por ocasião do componente curricular Metodologia da Pesquisa.

À Vivien Maclver, pela tradução dos abstracts.

Às/Aos amiga(o)s e colegas do PPGEISU: Luciana, Daniele, José Antonio, Wilton Figueredo, Gustavo Porto, Aline Baldoíno, Greyssy Kelly e Patrícia.

Às/Aos amiga(o)s e colegas da Escola de Enfermagem Cleuma, Daiane, Ester, Pablo, Paula, Andréia, Dejeane, Itana, Milca e Milena, pelas discussões e contribuições demandadas por este trabalho.

À Associação de Travestis de Salvador (ATRAS) e ao Grupo Gay da Bahia (GGB), espaço de acolhimento e escuta, fundamental nos processos de autoafirmação da(o)s envolvida(o)s.

À Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (REDE TRANS) e ao Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), imbuídos na luta pelo respeito e dignidade de pessoas trans.

Ser TRAVESTI é...

SER TRAVESTI é perder a inocência que existe dentro de si.

É, por muitas vezes deixar de lado o brinquedo de criança, esquecer os amigos e até o mesmo, perder o abraço do pai e da mãe.

SER Travesti, é também perder fases importantes da vida. Como a escola e a educação. É ser professora de si própria.

SER TRAVESTI é borrar a maquiagem por lágrimas caídas, por uma amiga perdida, uma história inacabada.

SER TRAVESTI é viver a beira do desconhecido, vivenciar mil vidas em uma.

SER TRAVESTI é LUXO, talvez poucos entendam. Entendam que isso não é pejorativo a ninguém, e sim uma afirmação em cima de um salto 15, dando moldura a um corpo perfeito e a um rosto de boneca. Porque é um luxo transpor tantas barreiras, tantos inimigos.

Alguns visíveis outros invencíveis, mas superamos.

SER TRAVESTI é [um] LUXO tão grande quanto voltar de uma guerra e viva. Mas não faltarão machucados para ser mostrados, pois a sociedade que discrimina é a que as sustentam.

Falar é fácil...

Difícil é SER uma TRAVESTI.

Anyky Lima

PORCINO, Carlos Alberto. “Quem você pensa que ela é?”: representações de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia acerca da travesti. 98 f. il. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais, privilegiando a teoria do núcleo central, que objetivou analisar as representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre a pessoa travesti. Participaram dela 243 estudantes, sendo 167 mulheres e 76 homens, com idade entre 18 e 63 anos, devidamente matriculada(o)s no semestre 2014.2, que responderam ao teste de associação livre de palavras com a expressão indutora “pessoa travesti”. Os dados das evocações foram processados pelos *softwares* EVOC, que comportou a organização do quadro de casas e, para o teste de centralidade, foi utilizado o IRAMUTEQ, que configurou a árvore máxima de similitude. As justificativas atribuídas aos termos evocados considerados mais importantes foram também processadas pelo IRAMUTEQ, baseando-se na classificação hierárquica descendente, e resultou na conformação de quatro classes, com aproveitamento de 75,82%. Os elementos que estruturam o núcleo central não revelam diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, por parte dos graduandos. O *preconceito* foi caracterizado como o principal elemento enfrentado diariamente por travestis. Para o grupo investigado não se nasce, ‘torna-se’ travesti e esta condição ainda se mostra como sinônima da orientação sexual. Pretende-se, a partir deste trabalho, contribuir para que travestis, ao acessarem os serviços de saúde, tenham suas singularidades respeitadas e um atendimento equânime e humanizado.

Palavras-chave: Travestis; Representações Sociais; Associação Livre; Educação Superior; Saúde.

"Who do you think it is?": Representations of students of the Interdisciplinary Bachelor's degree in Health, of Federal University of Bahia, about the transvestite. 98 f. il. 2016. Master Dissertation - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ABSTRACT

A qualitative research, based on the Theory of Social Representations, privileging the central core theory, with the purpose of analyzing social representations of the Interdisciplinary Bachelor's Degree in Health at *Universidade Federal da Bahia* (UFBA) regarding the transvestite person. There was the participation of 243 students, of which 167 were women and 76 men, with ages between 18 and 63 years, all duly registered in the semester 2014.2, answering to the free-association test using the key expression: "transvestite person". The data from these evocations was processed using the EVOC software, organizing a table of columns and, for the centrality test, the IRAMUTEQ software, setting up the maximum similitude tree. The most important justifications attributed to the terms evoked were also processed by the IRAMUTEQ software, based on descending hierarchical classification resulting in four classes, achieving 75.82%. The elements structuring the central core did not reveal any difference between sexual orientation and gender identity by the undergraduate students. *Prejudice* was characterized as the main element faced daily by the transvestites. For the group under investigation one is not born a transvestite, one 'becomes' a transvestite and this condition is also demonstrated as synonymous to sexual orientation. The intention of this research is to contribute towards access to health services by transvestites, having their singularities respected and receiving fair and humanized care.

Key-words: Transvestites; Social Representations; Free-association; Higher Education; Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Síntese ilustrativa do esquema da elaboração dos artigos (Dissertação).....	24
Figura 1	Análise de similitude ao termo indutor “pessoa travesti” para a(o)s estudantes universitária(o)s, Salvador, Bahia, Brasil (Artigo 1)	44
Figura 1	Diagrama em barras das 20 - entre as 243 - evocações justificadas como mais importantes por estudantes do BI em Saúde da UFBA, sobre a pessoa travesti. Salvador, 2014-2015 (Artigo 2)	62
Figura 2	Dendograma das classes indicativas de representações sociais de estudantes do BI em Saúde da UFBA, sobre a pessoa travesti - Classificação Hierárquica Descendente. Salvador, 2014-2015 (Artigo 2)	63
Quadro 1	Configuração estrutural da representação sobre a “pessoa travesti”: elementos centrais e periféricos, entre estudantes universitária(o)s, Salvador, Bahia, Brasil, 2016 (n=243) (Artigo 1)	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Principais características da(o)s participantes da pesquisa que responderam ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), (n=243). Salvador, BA, Brasil, 2016. (Artigo 1)	37
Tabela 1	Distribuição da(o)s estudantes do BI em Saúde da UFBA, participantes deste pesquisa, segundo variáveis sociodemográficas. Salvador, Bahia, Brasil, 2014 (n=243) (Artigo 2)	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCS	Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BI	Bacharelados Interdisciplinares
BI em Saúde	Bacharelado Interdisciplinar em Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CNS	Conselho Nacional de Saúde
IHAC	Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MS	Ministério da Saúde
OME	Ordem Médica de Evocações
PNH	Política Nacional de Humanização
PPGEISU	Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade
SUS	Sistema Único de Saúde
TALP	Teste de Associação Livre de Palavras
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	15
1	INTRODUÇÃO	18
2	ALGUMAS ANÁLISES: OS ARTIGOS COMO RESULTADOS	25
2.1	ARTIGO 1 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PESSOA TRAVESTI.....	26
2.2	ARTIGO 2 - SER TRAVESTI É... “TER ATITUDE POR SE ‘ASSUMIR’ DIFERENTE”: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES.....	51
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICES	85
	APÊNDICE A - Folha de rosto para o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)	86
	APÊNDICE B - Roteiro para aplicação do Desenho-Estória com Tema	87
	APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturado	88
	APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	89
	ANEXOS	91
	ANEXO A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA/Plataforma Brasil	92
	ANEXO B - <i>Print</i> do comprovante de submissão do Artigo 1 - Saúde e Sociedade	95
	ANEXO C - Quadro de Casas - Relatório emitido pelo <i>software</i> EVOC	96
	ANEXO D - <i>Print</i> do comprovante de submissão do Artigo 2 - Interface - Comunicação, Saúde, Educação	98

APRESENTAÇÃO

Para além das questões que perpassam a autoidentificação¹, minha aproximação e interesse por conteúdos relacionados à saúde de travestis e mulheres transexuais foram intensificados por ocasião do ingresso no serviço público, em meados da década de 1990, na emergência de um hospital público em Salvador-BA.

Nessa época, travestis e mulheres transexuais, costumeiramente, visando a '(re)construção' da autoimagem, recorriam ao uso do silicone industrial, com a finalidade de promoverem alterações/modificações corporais, condizentes ao modo como se sentiam e ao gênero a que pertenciam. Por ser o silicone industrial uma substância líquida e imprópria para uso em seres humanos, em muitos casos migra para outras partes do corpo e pode acarretar complicações, além de comprometer a saúde. Essa prática, além de '(de)formar' muitos corpos, ainda pode ceifar a vida de travestis e mulheres transexuais.

Na medida em que buscavam a unidade hospitalar para atendimento, este nem sempre era dispensado condizente com as suas necessidades. A violação aos seus direitos básicos² tinha início no momento em que a ficha para serem atendidas era realizada. Nessa época, para alguns profissionais de saúde, travestis eram vistas, essencialmente, como 'um homem que se veste de mulher'. Como se isso não fosse o suficiente, as violências se intensificavam, à medida que reivindicavam o tratamento condizente com o gênero a que sentem pertencer. Nesse aspecto, o

¹Considerando a forma como (ainda) sou visto/notado/tratado no/pelo masculino, este 'estereótipo' não é condizente com o modo como realmente me sinto, pois nada diz, fala e/ou expressa sobre a minha vivência interna. Nesse aspecto, cada uma/um, a partir de questões relacionadas aos processos de autoafirmação pessoal, tem o direito a escolher em que momento de sua vida tornará essa vivência pública ou não. Como por exemplo, o desejo para promover/empreender e/ou não alterações corporais, assim como o modo de vestir/portar-se. Ter uma vivência interna como homem, mulher, travesti e/ou outro modo de ser/estar, deve fazer sentido, exclusivamente, para a pessoa. Se a 'verdade' existe, ela é de/para cada uma/um.

²Como, por exemplo, o respeito à sua expressão e identidade de gênero. Tendo em vista que os princípios instituídos na Carta dos Direitos do[a]s Usuário[a]s da Saúde foram aprovados pela Portaria MS/GM nº 675, de 30/3/2006, atualmente ainda se observa a violação e desrespeito a esses princípios. Em seu Art. 4º, preconiza que "toda pessoa tem direito ao atendimento humanizado e acolhedor [...] livre de qualquer discriminação, restrição ou negação em virtude de idade, raça, cor, etnia, religião, orientação sexual, identidade de gênero [...] identificação pelo nome e sobrenome civil, devendo existir, em todo documento do usuário e usuária, um **campo para se registrar o nome social**, independentemente do registro civil, sendo assegurado o uso do nome de preferência [...]" (BRASIL, 2011, p. 11-12). (Grifo nosso).

nome social e o respeito à sua identidade de gênero, apesar da reivindicação, nem sempre eram levados em consideração³.

Destarte, essas inquietações me toca(ra)m profundamente, tendo em vista que ainda é possível presenciar o modo injusto, desigual e persistente com que pessoas trans⁴ são acolhidas no âmbito dos serviços de saúde. Desse modo, busco com este trabalho colaborar de alguma forma para que estudantes e profissionais de saúde possam refletir e, se possível, transformar sua *práxis*, bem como a dinâmica psicossocial que ainda legitima a discriminação e a violência institucional, cotidianamente perpetradas contra pessoas trans.

Nesse contexto, as atividades desenvolvidas na Associação de Travestis de Salvador (ATRAS) / Grupo Gay da Bahia (GGB) têm proporcionado trocas de experiências diversas, de modo especial a oportunidade em contribuir através da escuta às pessoas trans que nos procuram, desde então.

A opção pelo mestrado acadêmico em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade ocorreu em virtude de o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrar compromisso social, inovação acadêmica e inclusão social. A escolha pelo PPGEISU, dentre outros fatores, ocorreu pela possibilidade de trazer a temática que envolve as travestilidades para a discussão na formação superior em saúde. A partir daí, como forma de ampliar a discussão desse tema junto ao corpo discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BI em Saúde) e comunidade acadêmica interna e externa, foi planejada e desenvolvida a atividade de extensão permanente assim denominada: “Formação em saúde: diálogos e olhares sobre as

³Durante as visitas feitas a Martinha Sá, uma travesti idosa, entre fevereiro e março de 2016, internada na emergência de um hospital público em Salvador-BA, em decorrência de um AVC isquêmico, pude observar que o tratamento dispensado a ela era pautado no/pelo masculino, apesar das reiteradas solicitações para que fosse tratada no/pelo feminino em função do gênero a que sente pertencer. Ao ser transferida, internamente, para a unidade de clínica médica, requerida por seu quadro clínico, fora acomodada numa enfermaria masculina. Ao questionar a enfermeira responsável pela unidade sobre sua acomodação naquela enfermaria, tive a seguinte resposta: “ele[a] (Martinha) ainda não trocou os documentos [...] prá variar não tem outra vaga disponível”. Em conversa informal, com uma colega, tomei conhecimento de que o pedido de vaga, feito pela emergência, tinha sido para uma vaga masculina, assim permanecendo até a saída de alta da unidade (Registro pessoal).

⁴Neste trabalho, quando utilizo a expressão ‘pessoas trans’, faço referência a travestis e a mulheres e homens transexuais.

travestilidades⁵". A respectiva atividade foi planejada objetivando proporcionar aos estudantes do BI em Saúde instrumentos que possibilitassem a integração de competências complementares à sua formação acadêmica, acerca do acolhimento e cuidado à saúde integral de travestis e transexuais, considerando suas especificidades. Nesses encontros, são discutidos os seguintes temas: Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, na perspectiva local e nacional; relato de experiência por ocasião do processo de hospitalização e acesso aos serviços de saúde por travestis e mulheres e homens transexuais, além da exibição de filmes e documentários.

Assim, a decisão de ingressar no mestrado emergiu a partir do desejo e pela necessidade de voltar a estudar e aprofundar conhecimentos do ponto de vista acadêmico, considerando que, para mim, o mestrado se configura como mais uma oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal e profissional.

⁵ Sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, docente permanente do PPGEISU e do IHAC.

1 INTRODUÇÃO

As transformações e demandas sociais têm requerido, por parte dos profissionais de saúde, o desenvolvimento de habilidades e competências pessoais e profissionais frente à tomada de decisões diante de problemas cada vez mais complexos. Nesse sentido, mudanças são necessárias no que se refere aos modos de ser, pensar, agir e fazer em saúde de futuros profissionais, de modo a que tenham acesso a uma formação acadêmica multi, inter e/ou transdisciplinar e que atendam às mudanças sociais e aos agentes⁶ envolvidos.

No que se refere às demandas e/ou necessidades no âmbito da saúde de pessoas cujas identidades de gênero divergem do padrão heteronormativo, mais especificamente travestis, mulheres e homens transexuais, percebe-se o quanto esse processo de formação em muito se distancia da realidade. No entanto, se por um lado ainda predominam as visões mais conservadoras e patologizantes, referenciadas, *a priori*, nos dispositivos que fundamentam o discurso biomédico, por outro existem fatos que não podem ser desprezados, como as conquistas da biomedicina no que tange ao seu potencial preventivo e terapêutico. Em outras palavras, em que pese reconhecer os avanços da ciência, estes não devem gerar uma espécie de gratidão eterna pelo benefício desse progresso. Foucault (2012) já alertava para os perigos que incorreríamos por acreditarmos, de modo ingênuo, nessa benesse.

A necessidade de mediação entre a soberania e o regime disciplinar é outro aspecto que não convém negligenciar. A esse respeito, Foucault (2012) argumenta que, na modernidade, é a medicina quem funda a prática e normaliza o ensino e os saberes médicos. As consequências dessas determinações contribuem para os “[...] processos de normatização que produzem indivíduos em série, cristalizados pelas ações de saberes e poderes que os disciplinam, regulam e controlam” (PERES, 2011, p.73).

⁶O termo “agente” é tomado na acepção que propõe Amartya Kumar Sen, referindo-se a “[...] alguém que age e ocasiona mudança e cujas realizações podem ser julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos” (2000, p. 33).

Nesse aspecto, as diversas identidades sociais, especialmente em que pese o afirmar-se enquanto travesti, podem até ser conflitantes, considerando os múltiplos campos de vivência enfrentados no decorrer do processo de autoafirmação e de '(re)construções' corporais (BENEDETTI, 2005). Como observa Bento (2009, p.19), "os corpos das travestis, artefatos inacabados, projetos inclusos, estão em processo contínuo de construção [...] antes é condição para sua existência". Para as travestis, as alterações/modificações corporais podem se tornar uma urgência na busca por uma estética pautada na/pela feminilidade (PERES, 2011).

A travesti pode ser vista como mais uma forma de expressão identitária, a qual é reivindicada por aquelas que se expressam e autoafirmam enquanto tal, sempre pautadas no feminino. Os principais fatores que as definem "[...] se encontram no corpo, suas formas e seus usos, bem como nas práticas e relações sociais" (BENEDETTI, 2005, p.18).

Vale ressaltar que questões relacionadas às identidades transgêneras não são exclusividade de nenhum estrato social. A pessoa que possui uma vivência na transgeneridade pode ser mulher ou homem, pobre ou rica, não ser alfabetizada ou possuir titulação, como pode ter sua autorreferência pautada por uma orientação sexual hétero, homo, bi, pan ou assexual (LANZ, 2015). Essas questões as expõem a uma assimetria das "[...] relações de poder e opressão - entre homens e mulheres -, entre aqueles que se consideram *normais*⁷ e os chamados de *desviantes*⁸, entre países ricos e pobres" (LOPES, 2005, p.10).

Para além das questões que valorizam a '(re)construção' desse corpo pautado no/pelo feminino, devem-se considerar também as repercussões subjetivas envolvidas nesse processo. O respeito, assim como a garantia à expressão feminina, encontra-se na pauta das reivindicações do movimento social organizado que as representam (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2009; DUQUE, 2011; SANTOS, 2014).

⁷Grifo no original.

⁸Grifo no original.

De acordo com Cianciarrulo (2007), os conhecimentos aprendidos e apreendidos da área da saúde provêm de diferentes campos do saber. Por isso, sofrem um processo de desarticulação dos contextos que emergem e são constituídos por meio de novos arranjos de ideias, conceitos e modelos relacionados ao cuidado e ao processo cuidativo na dimensão da saúde. Esses aspectos viabilizam a ampliação de horizontes e a visão sistematizada dessa prática, na medida em que incorporam novas formas de conhecimento e contribuem de modo mais assertivo para o desenvolvimento científico nas áreas da educação e saúde.

A adesão da UFBA ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) culminou com a instituição dos Bacharelados Interdisciplinares (BI), primeiro ciclo do processo de formação superior, de natureza interdisciplinar, em 2009, e com a criação do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) (ROCHA, et al., 2014). Ressalta-se que a instituição do BI em Saúde emergiu a partir dos debates em torno do projeto da Universidade Nova, atrelado ao REUNI e apresentado às instâncias deliberativas da UFBA (ALMEIDA FILHO, 2007; ROCHA, et al., 2014). A proposta da “Universidade Nova” assinala “[...] para uma transformação radical da atual arquitetura acadêmica da universidade brasileira”, pois coteja a reestruturação do ensino de graduação ao implantar o regime de ciclos (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 265).

De acordo com o Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (UFBA, 2010, p.6), o BI é compreendido como

[...] uma modalidade de curso de graduação que se caracteriza por agregar uma formação geral humanística, científica e artística ao aprofundamento num dado campo do saber, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades que conferem autonomia para a aprendizagem ao longo da vida, bem como uma inserção mais plena na vida social, em todas as suas dimensões.

Com isso, a preparação desse bacharel, além de acontecer no decorrer da graduação, faculta ao egresso o desenvolvimento de competências gerais

[...] relacionadas com a capacidade de ‘aprender a aprender’, competências cognitivas e habilidades específicas que permitem ao estudante compreender a complexidade do campo da saúde na contemporaneidade e acrescenta um conjunto de valores relacionados com o processo de sensibilização para questões cruciais do mundo atual, como a luta pelos direitos humanos, a preservação do meio-ambiente, a defesa dos princípios

democráticos e a valorização da diversidade cultural que caracteriza a sociedade brasileira e baiana, em particular (TEIXEIRA; COELHO; ROCHA, 2013, p.1639).

Desse modo, para que travestis tenham uma abordagem responsável, dispensada por estudantes, bacharéis e profissionais de saúde, se faz necessário ultrapassar os desafios do maniqueísmo terapêutico, que ainda pauta e/ou direciona a *práxis* de categorias profissionais no âmbito da saúde (PORCINO; GUIMARÃES NETO; RODRIGUES, 2012). No entanto, para que haja essa oferta de qualidade, a formação profissional não deve ser focada apenas no tecnicismo. Ao contrário, precisa ser abrangente e humanista, ou seja,

[...] não basta a oferta de disciplinas isoladas, ou campos de estágio que ofereçam pequenas incursões pelo cotidiano social [...] é preciso pensar uma formação integral e que dê conta, de fato, de estabelecer conexões entre a produção de conhecimento, a prática profissional e a transformação da vida das pessoas (SANTOS; PINTO; ALMEIDA FILHO, 2012, p.220).

Por conseguinte, apreender as representações sociais de estudantes do BI em Saúde⁹ poderá contribuir para a transformação dessa realidade, na medida em que possa extenuar a violação de direitos básicos e o preconceito, enfrentados por travestis e mulheres e homens transexuais, ao buscarem os serviços de saúde.

Nessa perspectiva, ao menos no que tange aos limites desta pesquisa, define-se como **objeto de estudo** as representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA sobre a pessoa travesti, **norteado pela questão**: o que pensam a(o)s acadêmica(o)s do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA sobre a pessoa travesti?

Corroboramos com Tagliamento (2013, p. 143) ao ressaltar que, para uma melhor qualidade ofertada pelos serviços de saúde, é preciso que “[...] os profissionais estejam mais bem preparados para atender de maneira não estigmatizante e discriminatória”, não se restringindo apenas às questões relacionadas ao âmbito da saúde mental. Consideramos que as dimensões que perpassam essas vivências abrangem os mais diversos fatores, não exclusivamente nesse domínio.

⁹Considerando que, ao concluírem o primeiro ciclo, eles têm a oportunidade de ingressar no segundo ciclo, constituído pelos cursos profissionais da área de saúde, bem como nos cursos de mestrado, na modalidade acadêmica ou profissional, etapa que antecede ao doutoramento (ROCHA, et al., 2014).

Na realização desta pesquisa, partiu-se do pressuposto que as representações sociais que estudantes do BI em Saúde elaboram sobre a pessoa travesti, considerando as influências a partir das discussões sobre a Política Nacional de Humanização (PNH) e a equidade e integralidade, princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), no decorrer da graduação, ainda se mostram associadas às homossexualidades e suas vivências são marcadas por preconceitos.

Nesse aspecto, o estudo apresenta como **objetivos**: apreender as representações sociais de estudantes do BI em Saúde sobre a pessoa travesti e identificar os sentidos das representações sociais apreendidas sobre a pessoa travesti. Destaca-se ainda, a contribuição do presente estudo para segmento de travestis e mulheres e homens transexuais, tendo em vista que os resultados poderão contribuir para o planejamento e elaboração de políticas públicas mais equânimes.

No que se refere aos aspectos metodológicos adotados, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, em que a Teoria das Representações Sociais foi utilizada como eixo teórico-metodológico para a condução deste estudo, por facultar a apropriação do objeto, com vista à sua compreensão, ancorando-se na grande teoria proposta por Serge Moscovici (1978; 2012; 2013), em conjunto com a teoria do núcleo central desenvolvida por Jean-Claude Abric (2000; 2003). A escolha teórica e metodológica comportou a utilização de multitécnicas e multimétodos em consonância ao objeto de estudo e aos objetivos propostos. O Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) (APÊNDICE A) foi aplicado a 243 estudantes, dos quais 18 realizaram o Desenho-Estória com Tema (APÊNDICE B) e 11 participaram da entrevista semi-estruturada (APÊNDICE C). No entanto, para a elaboração desta dissertação, foram privilegiados os resultados obtidos a partir do TALP e as justificativas atribuídas às evocações consideradas mais importantes. Ressalta-se ainda que, em respeito à máxima do movimento social organizado de travestis e

mulheres e homens transexuais **nada sobre mim, sem mim**¹⁰, nas discussões dos resultados foram utilizadas produções de autoria de pessoas trans¹¹.

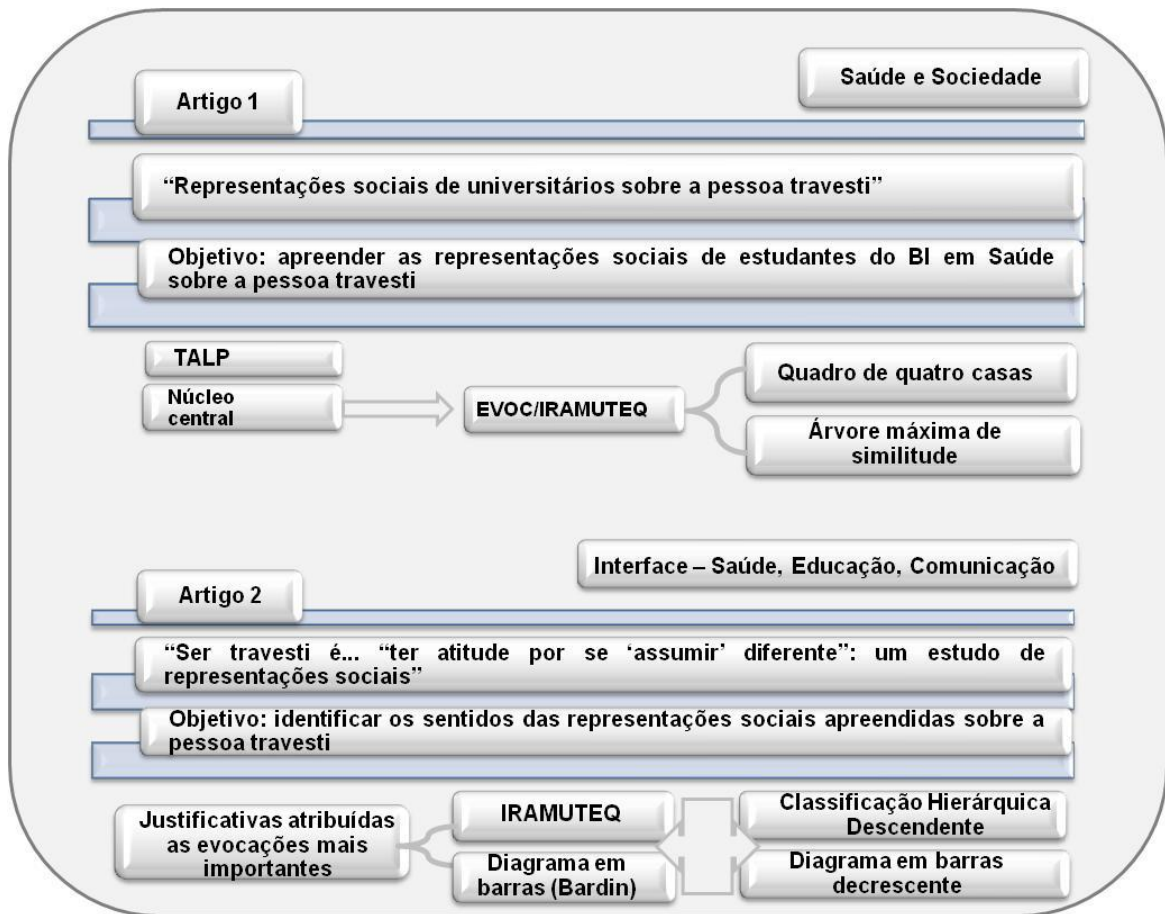
Foram cumpridas as exigências éticas definidas na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta normas e diretrizes para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, sob o nº 684.219/2014 (Anexo A). Toda(o)s a(o)s participantes da pesquisa tiveram acesso em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE D), em duas vias, ficando uma com cada participante e a outra com o pesquisador que a manterá em segurança por cinco anos. Obedecendo as recomendações do CNS, o TCLE continha dados de identificações dos responsáveis pela pesquisa, uma linguagem clara, objetivos, justificativa, local onde a pesquisa seria realizada, os possíveis riscos e os previsíveis benefícios, garantia quanto à privacidade e o anonimato.

Para a estruturação da dissertação em formato de artigos, seguiram-se as recomendações dispostas na Resolução nº 003/2011, do PPGEISU (UFBA, 2011). Para tanto, como resultados desta pesquisa, foram elaborados dois artigos (Figura 1), obedecendo às recomendações específicas de cada periódico.

¹⁰ Tive a oportunidade de escutar essa frase proferida por Welluma Brown (*in memoriam*), mulher transativista, por ocasião do XIX Encontro Nacional de Travestis e Transexuais na Luta contra a Aids (ENTLAIDS), que aconteceu em Brasília, DF, no período de 04 a 08 de novembro de 2012.

¹¹BOULEVARD, Gláucia (2013); JESUS, Jaqueline Gomes de (2015); LANZ, Letícia (2015); LEE, Débora (2013); NIKARATTY, Leandra (2013); SIMPSON, Keila (2011; 2015) e VERGUEIRO, Viviane (2015).

Figura 1 - Síntese ilustrativa do esquema de elaboração dos artigos



O primeiro artigo, submetido à revista *Saúde e Sociedade* (Anexo B), evidencia as representações sociais da(o)s estudantes sobre a pessoa travesti, em ordem direta, a partir dos dados processados pelo *software* EVOC, que possibilitou a construção do quadro de quatro casas (ANEXO C). Para o teste de centralidade, as evocações foram processadas pelo *software* IRAMUTEQ, através da árvore máxima de similitude.

O segundo artigo, submetido à revista *Interface - Saúde, Educação, Comunicação* (Anexo D), retrata as representações sociais a partir das justificativas atribuídas aos termos classificados como mais importantes. As justificativas foram processadas com o auxílio do *software* IRAMUTEQ, através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), enquanto que as evocações foram organizadas através do *Microsoft Excel*, que permitiu a elaboração do diagrama em barras em ordem decrescente, seguindo as recomendações de Bardin (2011).

2 ALGUMAS ANÁLISES: OS ARTIGOS COMO RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os dois artigos que compõem esta dissertação, os quais foram produzidos no decorrer da pesquisa a partir das análises empreendidas.

O primeiro artigo, intitulado **Representações de universitários sobre a pessoa travesti**, foi submetido à Revista Saúde e Sociedade, publicada pela Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo e Associação Paulista de Saúde Pública.

O segundo recebeu como título **Ser travesti é... “ter atitude por se ‘assumir’ diferente”**: um estudo de representações sociais, submetido à Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação, publicada pelo Laboratório de Comunicação e Educação em Saúde - Departamento de Saúde Pública, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PESSOA TRAVESTI

O artigo “Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti” foi elaborado a partir das instruções a(o)s autora(e)s para publicação e apresentação a(o)s editores do periódico Saúde e Sociedade, órgão oficial de publicação da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP), Associação Paulista de Saúde Pública, disponíveis no link: <http://www.scielo.br/revistas/sausoc/pinstruc.htm>, acessado em janeiro de 2016.

“Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti”

Carlos Alberto Porcino

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PESSOA TRAVESTI¹

Carlos Alberto Porcino², Maria Thereza Ávila Dantas Coelho³, Jeane Freitas de Oliveira⁴

¹Trabalho extraído da dissertação: “**Quem você pensa que ela é?**: representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia acerca da travesti” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia (PPGEISU/IHAC//UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

²Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU)/Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC).

³Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC)/Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU).

⁴Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PESSOA TRAVESTI

SOCIAL REPRESENTATIONS OF UNIVERSITY STUDENTS ON TRANSVESTITE PEOPLE

RESUMO

Este estudo teve como objetivo apreender as representações sociais de graduandos em Saúde acerca da pessoa travesti. Trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada no referencial teórico das representações sociais, privilegiando a teoria do núcleo central. Participaram da pesquisa 243 estudantes, sendo 167 mulheres e 76 homens, com idade entre 18 e 63 anos. Realizou-se um teste de associação livre de palavras com a expressão indutora "pessoa travesti", cujos dados foram processados pelos *softwares* EVOC e IRAMUTEQ. A interpretação dos resultados dispostos no quadro de quatro casas permitiu-nos identificar o forte valor simbólico e afetivo dos campos semânticos *mulher, diferente, opção, transformação e alegria*, apresentados pelos estudantes, visto que explicitam particularidades do objeto representado. O *preconceito* foi caracterizado como o principal elemento enfrentado diariamente por quem se expressa enquanto tal. Os elementos que estruturam o núcleo central não revelam diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero, por parte dos graduandos.

Palavras-chave: Travestis; Representações Sociais; Associação Livre.

ABSTRACT

The present study had the purpose of understanding social representations of undergraduate students in health education in relation to transvestite people. A qualitative study based on the theoretical framework of social representations, favoring the Central Core Theory. There were 243 students participating of the study, of which 167 were women and 76 men, with ages between 18 and 63 years. The free-association test was performed using the key expression "transvestite people", with the data processed using the EVOC and IRAMUTEQ software. The interpretation of the results presented in a four-column table permitted the identification of the strong symbolic and emotional value of the semantic fields *woman, different, option, transformation and joy*, presented by the students, once these express the peculiarities of the represented object. *Prejudice* was characterized as the main element faced daily by those who express themselves as transvestites. The elements structuring the central core do not reveal any distinction between sexual orientation and gender identity by the undergraduates.

Key-words: Transvestites; Social Representations; Free-associaton.

INTRODUÇÃO

Desde a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), em suas diversas redes de atenção, profissionais de saúde têm encontrado dificuldades para lidarem com questões relacionadas às pessoas transgêneras, mais especificamente travestis e transexuais. Na tentativa de contribuir para sensibilizar e coibir o preconceito no atendimento dispensado por profissionais a esse segmento populacional, o Ministério da Saúde, em parceria com o movimento social organizado, lançou, em 2003, a primeira campanha nacional com o seguinte *slogan*: “Travesti e respeito: já está na hora dos dois serem vistos juntos. Em casa. Na boate. Na escola. No trabalho. Na vida.” (Brasil, 2003).

Em 2010, nova campanha é lançada através do Ministério da Saúde com o *slogan* “Sou travesti: tenho direito de ser quem eu sou” (Brasil, 2010). No entanto, há mais de uma década, após o lançamento da primeira campanha, as mudanças no que se referem ao acolhimento e respeito ainda são incipientes, pois as expressões e identidades de gênero de travestis e transexuais, no setor saúde, nem sempre são respeitadas e levadas em consideração, apesar de a Constituição Federal de 1988 assegurar o acesso à saúde como um direito de todos e dever do Estado. Essa garantia também é retratada no terceiro princípio da Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, do seguinte modo: “todo cidadão tem direito ao atendimento humanizado, acolhedor e livre de qualquer discriminação” (Brasil, 2007).

No presente artigo não privilegiaremos definições *a priori* acerca das travestilidades, por compreendermos que as mesmas se configuram enquanto modos de identificação, expressão e experiências plurais. Nesse aspecto concordamos com Lopes (1995, p. 28), que pontua: “quando falo em travestis, a sensação de simplificar um universo tão diverso me incomoda”.

Parafraseando Simone de Beauvoir (1980), assim como não se nasce mulher ou homem, não se nasce travesti, ‘torna-se’ travesti. Com efeito, as tecnologias utilizadas para alterar ou modificar seus corpos não podem ser reduzidas apenas aos seus aspectos técnicos, pois “o corpo travesti não se configura como epifenômeno da identidade de gênero, antes é condição para sua existência” (Bento,

2009, p. 19). À medida que investem dinheiro, tempo e emoção nesse processo, elas não concebem o corpo apenas como um mero sustentáculo de sentidos. É através do corpo “que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se reproduzem enquanto sujeitos[as]” (Benedetti, 2005, p. 55). As redes de sociabilidades, nesse contexto, se tornam condições importantes, uma vez que essas experiências são vivenciadas entre si, de modo singular.

Caracterizado pela informalidade, o senso comum, além de se apresentar como uma forma de conhecimento prático, deriva de ações cotidianas. Possibilita também a reelaboração e criação de imagens através do pensamento representativo e transforma conhecimentos produzidos em campos simbólicos específicos, geradores de ações sociais, de modo a tornar algo não familiar em familiar (Alexandre, 2000). Seguindo esse raciocínio, Berger e Luckmann (2004) reiteram que esse conhecimento orienta as práticas dos sujeitos, além de ser a principal fonte de ação humana na sociedade.

Ante o exposto, os padrões vigentes em nossa sociedade, em que o ‘natural’ é a heteronormatividade, fazem com que “elas [as travestis] sejam alvos do poder que procura enquadrá-las à norma ou ainda colocá-las fora de qualquer possibilidade digna de existência” (Cabral et al., 2013, p. 275). Partindo desse pressuposto, percebe-se que formas de controle e assujeitamento emergem e contribuem na despotencialização das travestilidades (Lima, 2014). Em função das singularidades, especificidades e demandas, os serviços de saúde nem sempre dão conta dos determinantes sociais que interferem no processo de saúde-doença (Ayres et al., 2012). Nesse sentido, entre outras atividades, cabe ao profissional de saúde assegurar a não violação dos direitos de travestis e transexuais, no âmbito desses serviços, assim como promover e institucionalizar práticas que possam garantir o acolhimento e atendimento de modo equânime.

O Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA emerge a partir do momento em que o projeto “UFBA Nova” começa a tomar forma com a sua apresentação aos órgãos deliberativos da universidade. Essa proposta assinala uma transformação da atual arquitetura acadêmica da universidade brasileira e coteja a reestruturação do

ensino de graduação através da implantação do regime de ciclos. Os Bacharelados Interdisciplinares se configuram numa “[...] alternativa avançada de estudos superiores que permitirão reunir numa única modalidade de curso de graduação um conjunto de características que vem sendo requeridas pelo mundo do trabalho e pela sociedade” (Almeida Filho, 2007, p. 270).

Como etapa inicial de uma formação técnica em saúde, o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, seguramente comprometido com princípios da humanização e integralidade, se apresenta como possibilidade para formar profissionais preparados para a contemporaneidade, em que princípios da solidariedade e equidade prevaleçam (Almeida Filho, 2007). Com isso, a preparação desse profissional, além de acontecer no decorrer da graduação, faculta a(o) egressa(o) competências gerais “[...] relacionadas com a capacidade de ‘aprender a aprender’, competências cognitivas e habilidades específicas que permitem ao estudante compreender a complexidade do campo da saúde na contemporaneidade [...] como a luta pelos direitos humanos [...] e a valorização da diversidade cultural” (Teixeira et al., 2013, p.1639).

O conceito de representação social proposto por Serge Moscovici (2012, 2013) e por Jean-Claude Abric (2000, 2003) se apresenta como elemento norteador do presente trabalho. Esses pressupostos teóricos permitem apreender e compreender como aspectos relacionados à vida cotidiana são representados, inclusive os processos identitários. São essas representações que orientam os comportamentos e as comunicações (Moscovici, 2012). Por isso, elas cumprem um papel primordial no que concernem às dinâmicas e estratégias identitárias (Deschamps; Moliner, 2014). Considerando o contexto sociocultural, essas expressões e identificações são pautadas pela autorreferência e ultrapassam as barreiras que estão para além do indivíduo, pois as identidades não são mais determinadas com base em reificações grupais que definem indivíduos e os enlaçam. Os processos identitários, assim como suas atribuições, “são o produto, de duração variável, da interação social, mas em compensação, elas organizam a troca social” (Jodelet, 2009, p. 117).

Para Moscovici (2013), os sistemas de representações emergem da interação entre pessoas e grupos sociais. Uma vez constituídos, são internalizados e assimilados

através do processo educacional “para fixar as similaridades essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, assim, uma certa homogeneidade para o sistema social” (Moreira; Souza Filho, 2001, p. 207). Se, por um lado, essa experiência [a partir da interação] fornece recursos e instrumentos para interpretar o que é experimentado e dá sentido aquilo que é vivenciado, em termos de pertencimento, por outro, permite passar do coletivo ao individual, sem perder de vista o lugar que cabe às representações sociais (Jodelet, 2005). Entretanto, Jesuíno (2014), por ocasião dos 50 anos da teoria desenvolvida por Moscovici, enfatiza que a aplicação de modo simplificado da teoria pode reduzir as representações à mera cópia ou duplicação da realidade. Assim, à medida que se adota esse critério simplista, perde-se a possibilidade de distinguir as representações sociais de outras produções coletivas.

A propósito, se as identidades são construções sociais e do âmbito representacional, essa constituição ocorre dentro de contextos sociais que estabelecem posições de agenciamento e orientam tanto suas representações quanto suas escolhas (Cuche, 1999). Do mesmo modo, as identidades se difundem nos processos e relações sociais, além de se constituírem enquanto um acontecimento “que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade” (Berger e Luckmann, 2004, p. 230). No entanto, uma vez cristalizadas, se mantêm, se modificam e são remodeladas através das relações sociais. A essas identidades produzidas pela orientação individual e que reagem à estrutura social, por não corresponderem aos padrões heteronormativos, é negado o direito a se manifestarem. Consequentemente, são estereotipadas, humilhadas, desumanizadas e estigmatizadas (Bauman, 2005).

Segundo Moscovici (2013, p. 176-177), “a primazia das representações ou crenças, a origem social das percepções e das crenças e o papel, algumas vezes de coação, dessas representações e crenças” formam o pano de fundo a partir do qual a Teoria das Representações Sociais (TRS) emergiu e se desenvolveu. Assim, representar implica sempre, de modo intrínseco, um sujeito e um objeto e expressa, “a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presente as coisas ausentes e apresentar as coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa” (Moscovici, 2013, p. 216).

A representação social corresponde a uma organização significativa e não apenas a uma reflexão diminuta da realidade. Por tratar-se de um guia orientado para a ação, a representação norteia as relações sociais e ações, assim como determina comportamentos e práticas intergrupais. Apresenta-se, ainda, como uma visão de mundo em que não há distinção entre sujeito e objeto. É considerada como “um sistema de pré-codificação da realidade porque ela determina um conjunto de antecipações e expectativas” (Abric, 2000, p. 28). Por se constituírem enquanto sistemas teóricos que permitem aos indivíduos compreenderem, interpretar e se situarem junto aos contextos sociais em que se encontram inseridos, as representações possibilitam o acesso às dimensões simbólicas, culturais e práticas dos fenômenos sociais (Jodelet, 2009). Assim, considerando sua capacidade de expansão, as representações também permitem “captar, ao nível dos atributos intelectuais de uma coletividade, a expressão de sua particularidade” (Jodelet, 2001, p. 34).

A abordagem estrutural das representações sociais se configura em um dos desdobramentos e concentra “sua atenção em representações estabilizadas” (Deschamps e Moliner, 2014, p. 137). No entanto, Moscovici (2013, p. 219), ao retratar essa questão, pondera que elementos estáveis de ordem cognitiva compõem a representação social “em torno dos quais estão ordenados outros elementos cognitivos, ou esquemas periféricos [...] os primeiros expressam a permanência e uniformidade do social, enquanto os últimos expressam sua variabilidade e diversidade”. A designação do núcleo estruturante, ou central como também é conhecido, dar-se-á através da natureza do objeto e pelo tipo de relações que o grupo mantém com esse objeto, assim como pelo “sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo” (Abric, 2000, p. 31).

O núcleo central, por ser o elemento mais estável da representação, determina seu significado, sua consistência, permanência e resiste a mudanças. À medida que sofre modificações, isto implica numa transformação total da representação, o que o torna o elemento mais estável da mesma (Abric, 2003). A hierarquização é uma qualidade essencial do sistema central. Entre os elementos que o compõem, alguns são mais importantes que outros; em outras palavras, não possuem equivalência

entre si. Nesse aspecto, somente critérios quantitativos não definem a centralidade de um ou mais elementos; “ao contrário, o núcleo central possui, antes de tudo, uma dimensão qualitativa” (Abric, 2000, p. 31), de modo a abarcar os termos mais freqüentes e prontamente evocados.

O sistema periférico, por sua vez, é resultante da ancoragem da representação com o contexto social. Apesar de possuir limitações, “ele é mais leve e flexível. É a parte mais acessível e mais viva da representação” (Abric, 2003, p. 38). Sua função é essencial e se resume em concretizar, regular, prescrever comportamentos, personalizar e proteger o núcleo central. Os elementos periféricos compõem, ainda, a parte operatória que constitui a representação e desempenham um papel fundamental na dinâmica de seu funcionamento. Seu caráter flexível é o que torna possível a transformação de uma representação, pois isso ocorre a partir dos elementos que compõem a periferia e não daqueles pertencentes ao possível núcleo central (Abric, 2003).

Assim, a partir do quadro apresentado, entende-se que o espaço onde está alocado o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA, bem como sua estrutura curricular, dividida em duas etapas de formação, uma geral e outra específica, perpassadas por um eixo que integra atividades complementares em paralelo às de orientação acadêmica e profissional, contribuem significativamente para o reconhecimento panorâmico das diversas áreas de investigação, práticas e profissões da saúde (UFBA, 2010). No decorrer do processo formativo, as múltiplas vivências proporcionadas às/aos estudantes através de atividades de extensão e Ações Curriculares em Comunidade e Sociedade (ACCS), por exemplo, fornecem subsídios tanto à constituição da identidade profissional, quanto à escolha para ingresso em um curso profissionalizante e/ou na pós-graduação (Teixeira et al., 2013). Nesse caso, a utilização das representações sociais proporciona um quadro de análise que permite compreender ou, ao menos, problematizar os desafios que se apresentam na atualidade. Frente a esse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apreender as representações sociais sobre a pessoa travesti entre estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo descritivo de cunho exploratório, baseado nos princípios que sustentam a Teoria das Representações Sociais, privilegiando a teoria do núcleo central, desenvolvida por Abric (2001). Na perspectiva dessa teoria, toda representação social se estrutura em torno de um ou alguns elementos de maior centralidade, que organizam os demais, constituindo-se num duplo sistema composto por elementos centrais e periféricos. O núcleo central se configura como o elemento essencial da representação e atua como responsável por sua unificação e estabilidade (Sá, 2015).

Dentre as várias técnicas utilizadas para apreensão do núcleo central de uma representação social, neste trabalho optamos pela técnica da associação livre de palavras. Para isso, dois critérios quantitativos básicos são levados em consideração: a frequência e a ordem média das evocações. Sua combinação revelaria tantos os elementos periféricos, quanto os possíveis elementos centrais de uma representação. Através dessa técnica, tem-se “[...] por objetivo apreender a percepção da realidade de um grupo social a partir de uma composição semântica preexistente” (Oliveira et al., 2005, p. 573). Sua aplicação consistiu em solicitar a(o)s estudantes que, a partir do estímulo “pessoa travesti”, escrevessem até cinco palavras que lhes viessem rapidamente à mente. No momento seguinte, foi solicitado que hierarquizassem as palavras evocadas, numerando 1 para a mais importante, 2 para a segunda mais importante, até a quinta evocação. Após isso, solicitou-se que fosse atribuída a cada evocação uma conotação ou sentido, nos seguintes termos: positivo (+), negativo (-) ou neutro (+/-). Por fim, pediu-se que justificassem o porquê da palavra 1 escolhida ser a mais importante.

No tratamento das evocações, optou-se por agrupar o conteúdo semântico, objetivando homogeneidade e consistência analítica do *corpus*. Para a análise das evocações com base nos critérios de frequência e ordem média, foi utilizado o *software Esemble de Programmes Permettant l'Analyse de Évoctions - EVOC*¹² na versão 2005[®], desenvolvido por Vergès (2003). Objetivando confirmar a centralidade dos elementos evocados para o termo indutor, utilizou-se a análise de similitude

através do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) (Ratinaud e Marchand, 2012). Esse *software* permite visualizar em forma gráfica como os elementos determinantes da representação social se articulam entre si.

A seleção das/os participantes foi feita mediante critérios de inclusão estabelecidos previamente: estar matriculada/o no componente curricular 'HACA40 - Campo da Saúde: Saberes e Práticas' - por tratar-se de um componente obrigatório e concentrar o maior número de estudantes -, e ter idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos. Das 335 vagas ofertadas no semestre letivo 2014.2, 257 estudantes efetuaram a matrícula. Desse total, 243 responderam ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP); 11 deixaram de colaborar por ter idade inferior a 18 anos e três não demonstraram interesse em participar do estudo. A coleta de dados foi realizada coletivamente, em sala de aula, em horário previamente combinado com docentes do respectivo componente curricular.

O grupo investigado foi composto majoritariamente por estudantes mulheres, na faixa etária entre 18 e 29 anos, natural de Salvador-BA, de cor parda, com maior concentração entre o 1º e o 3º semestres do curso, conforme mostrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Principais características da(o)s participantes da pesquisa que responderam ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), (n=243). Salvador, BA, Brasil, 2016.

Variáveis		N	%
Gênero	Mulher	167	68,7
	Homem	76	31,3
Faixa etária	18 - 29 anos	201	82,7
	30 - 39 anos	28	11,5
	40 – 49 anos	10	4,1
	>50 anos	4	1,6
Naturalidade	Salvador	160	65,8
	Bahia (outras cidades)	59	24,3
	Não-Bahia	24	9,9

¹² Conjunto de programas para a análise de evocações (Tradução livre).

Cor	Amarela	2	0,8
	Branca	36	14,8
	Indígena	4	1,6
	Parda	136	55,9
	Preta	65	26,9
Semestre	1º ao 3º	207	85,1
	4º ao 6º	36	14,9

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, sob o protocolo de nº 684.219/2014. A Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, foi atendida (Brasil, 2012). A participação das/os interlocutoras/es se deu de forma voluntária, após a leitura, esclarecimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como recurso para garantir a confidencialidade, as/os mesmas/os foram designadas/os alfanumericamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o processamento das informações, verificou-se que a expressão “pessoa travesti” produziu, nos 243 estudantes participantes do estudo, um total de 1.215 palavras evocadas, das quais 249 são diferentes. Para a composição dos elementos estruturais foram desprezadas as evocações cuja frequência foi inferior a cinco, o que resultou em descarte de 27,5% e aproveitamento de 74,6%. A constituição dos valores para a composição do núcleo central e de elementos periféricos foi extraída do relatório *Rangmot* emitido pelo *software* EVOC: frequência mínima = 5, frequência intermediária = 22 e Ordem Média das Evocações (OME) = 3,0. Ilustre-se, a seguir, a organização dos elementos oriundos das evocações através da elaboração do quadro de quatro casas (Quadro 1):

Quadro 1. Configuração estrutural da representação sobre a “pessoa travesti”: elementos centrais e periféricos, entre estudantes universitária(o)s, Salvador, Bahia, Brasil, 2016 (n=243).

Elementos do núcleo central				Elementos da 1ª periferia			
Frequência ≥ 22 – OME $< 3,0$				Frequência ≥ 22 - OME $\geq 3,0$			
Elemento	Posição	Freq.	OME	Elemento	Posição	Freq.	OME
Homossexual	-	66	2,076	Preconceito	-	94	3,138
Mulher	+	56	2,446	Coragem	+	29	3,034
Diferente	+/-	51	2,863	Gênero	+	23	3,130
Opção	+	50	2,940	Prostituição	-	22	3,545
Transformação	+	46	2,761				
Alegria	+	39	2,974				
Identidade	+	38	2,895				
Pessoa	+	32	2,438				
Homem	-	29	1,793				
Elementos da zona de contraste				Elementos da 2ª periferia			
Frequência < 22 – OME $< 3,0$				Frequência < 22 - OME $\geq 3,0$			
Elemento	Posição	Freq.	OME	Elemento	Posição	Freq.	OME
Transexual	+	20	1,950	Beleza	+	20	3,250
Liberdade	+	18	2,444	Respeito	+	19	3,105
Maquiagem	+	15	2,600	Violência	-	17	3,824
Sexualidade	+	12	2,833	Sexo	+/-	17	3,353
Arte	+	9	2,444	Roupa feminina	+	17	3,235
Diversidade	+	9	2,667	Luta	+	11	3,545
Fantasia	+/-	9	2,889	Boate	+/-	9	3,778
				Dificuldade	-	9	3,778
				Baixaria	-	9	3,444
				Inconformismo	-	9	3,444
				Aceitação	+	8	4,000
				Trabalhador	+	8	4,000

Os elementos que estão no primeiro quadrante – superior esquerdo - tendem a serem centrais por terem frequência mais elevada e menor ordem média de evocação, quando comparados aos outros quadrantes. Somam 33,5% de todas as palavras evocadas, indicando homogeneidade no conteúdo das evocações, o que, de acordo com Reis et al. (2013), significa que foram referidas pela maioria da(o)s estudantes e ocuparam as primeiras posições, quando foram evocadas.

No quadrante superior esquerdo destacam-se os elementos: *homossexual*, *mulher*, *diferente*, *opção* e *transformação*, evidenciando uma representação da pessoa travesti associada, dentre outras coisas, à orientação sexual. O conjunto de palavras evocado sinaliza que, para o grupo investigado, 'ser' ou 'estar' travesti é ser uma *mulher diferente* por *opção*. Essa opção, pautada na/pela diferença produzida a partir de alterações/modificações corporais empreendidas, foi evocada como *transformação*, que requer conhecimento, apoio, dinheiro e o “[...] direito de ser quem você quer ser, de transformar o próprio corpo, é o que gera a necessidade de lutar pelas outras coisas” (Boulevard, 2013, p. 79). Conceber a travesti desse modo pode implicar o não o reconhecimento da travestilidade como uma identidade de gênero, pois “as travestis não querem ser homem nem mulher, não precisam [...] reivindicam a identidade travesti [...] todas dizem ‘sou travesti’” (Simpson, 2011, p. 114).

De modo geral, quando há referência às homossexualidades, não se pode perder de vista o conjunto de relações implicadas, de modo a ressaltar preconceitos, como por exemplo: identidade, gênero, papéis sociais e sexuais. O homossexual masculino, pelo senso comum, não deixa de ser associado à feminilidade, mesmo que ‘borrada’.

Os demais elementos que integram o respectivo quadrante - *alegria*, *identidade* e *pessoa* - reforçam a perspectiva de uma identidade lúdica e permitem inferir que, para viver e se expressar em uma sociedade em que se é vista e notada como *diferente*, é necessário ser *alegre* e, como *pessoa*, ter uma *identidade*. No entanto, concebê-la desse modo pode contribuir para a simplificação de sua existência, associada, de modo restrito, ao sentimento de alegria.

No que se refere à posição, ou seja, a conotação ou sentido atribuído às evocações, *diferente* foi apontado como positiva/negativa; *homossexual* e *homem*, negativa; enquanto que as demais foram consideradas positivas à medida que foram associadas à pessoa travesti. Entre as/os estudantes, apesar de ter sido associada aos termos *homossexual* e *homem*, considerados negativos para a imagem da travesti, pautada por uma identidade feminina, fica explícito quão importante é

‘passar’ sem ser percebida ou notada. A ‘passabilidade¹³’ é compreendida no sentido de se ‘passar por’; nesse caso, ‘ser vista’ ou ‘passar’ como mulher, considerando que “[...] qualquer qualidade que você possa ter cai por terra quando alguém olha para você e estranha sua forma de ser” (Boulevard, 2013, p. 79). Para isso, investem tempo e dinheiro no sentido de suprimir características ou atributos que possam ‘denunciar’ a sua condição. Assim, se faz necessário ressaltar, como apontam Geisler e Martins (2015), que as diferenças produzidas nas/pelas experiências corporais se configuram em processos complexos multicausais interseccionados nas singularidades, a partir de vivências individuais. Dessa forma, a hipótese de centralidade da representação está ancorada em conteúdos e aspectos relacionados à orientação sexual, considerando que a pessoa tem a opção de melhor adequar as conformações corporais condizentes com a identidade que reivindica para si.

No quadrante superior direito, o elemento *preconceito* apresenta frequência superior à do núcleo central, porém evocado mais tardiamente, o que é indicado pela ordem média de evocação igual ou maior que 3,0. Neste quadrante, destacam-se as palavras *preconceito*, *coragem*, *gênero* e *prostituição*, perpassadas pela dimensão psicológica no que diz respeito aos papéis, expressões e atitudes psicossociais.

Quanto à posição, os termos *preconceito* e *prostituição* foram considerados negativos, enquanto *coragem* e *gênero*, positivos. Esses elementos remetem ao primeiro quadrante, no que tange à estreita relação entre *preconceito* e *diferente*, pois ‘ser’ e/ou ‘estar’ travesti é viver fora das normas. Nesse caso, entende-se que os termos *coragem* e *prostituição* representam, respectivamente, elementos essenciais para a (sobre)vivência como possibilidade de existência, assim como para enfrentar preconceitos em função de sua identidade gênero-divergente, por um lado, e daqueles decorrentes da prática/vivência na *prostituição*, por outro. Nesse aspecto, qualquer transgressão a essa normalização é olhada “[...] com preconceito e discriminação. Como as travestis rompem com o muro entre o masculino e feminino, são colocadas sempre à margem da sociedade” (Simpson, 2015, p. 10).

¹³ O termo “passabilidade” é utilizado neste trabalho na acepção proposta por Letícia Lanz (2015, p. 421): “termo que traduz o quanto uma pessoa transgênera se parece fisicamente, se veste, fala, gesticula e se comporta de acordo com os estereótipos do gênero oposto ao que lhe foi consignado ao nascer”.

O termo *preconceito*, elemento com a frequência mais elevada, foi evocado 94 vezes entre a(o)s estudantes e representa 11,72% em relação aos 74,6% dos termos aproveitados. Atribuir a ele uma conotação negativa reflete sensibilidade para com a pessoa travesti, à medida que expressam: “o corpo da pessoa só deve razão a ele [ela]” (EH82). Para isso, “[...] devemos acabar com essa atitude, respeitar escolhas, comportamentos e identificações diferentes das pessoas, romper com o preconceito” (EM142). Assim, “[...] o não conhecimento do outro nos levam ou nos induzem ao preconceito. É preciso conhecer o indivíduo [a pessoa] e suas formas de vida antes de rotular este [esta] por suas condições” (EH132).

No quadrante inferior esquerdo (zona de contraste), aparecem os elementos com frequência menor que 22 e ordem média inferior a 3,0. O conjunto de palavras que compõe esse quadrante, apesar de terem sido prontamente evocadas, possui uma frequência baixa: *transexual, liberdade, maquiagem, sexualidade, arte, diversidade e fantasia*. Com exceção do elemento *fantasia*, que ocupa uma posição ‘neutra’, os demais foram pontuados como positivos. Esses elementos revelam a dimensão psicossocial da travestilidade, considerando o aspecto imagético dos termos evocados e, ao mesmo tempo, traduzem que o grupo investigado representa a travestilidade e a transexualidade como situações similares. Essa confusão de ideias também foi observada em estudo sobre representações da transexualidade, desenvolvido por Matão et al. (2010), entre estudantes de enfermagem e medicina, que associaram o termo indutor à travesti, homossexual e preconceito, para citar alguns.

O quadrante inferior direito, denominado de segunda periferia, foi composto por doze elementos com conotações heterogêneas. Representam 12,6% do total de evocações, assim distribuídas segundo a posição: as consideradas positivas, com 54,2%; negativas, 28,8%; e as neutras, 17%. Vale ressaltar que, apesar daquelas consideradas negativas - *violência e dificuldade* - ocuparem a segunda posição, parecem estar inter-relacionadas às ‘possíveis’ dificuldades, tensionamentos e enfrentamentos por ‘ser’ ou ‘estar’ travesti, exceção feita aos termos *inconformismo* e *baixaria*. Este último foi associado a questões que envolvem a moralidade, caráter e personalidade, enquanto que o anterior parece ter sido referido em função de a

pessoa reivindicar para si uma identidade de gênero que não está em conformação com sua genitália. Esses aspectos, de certa forma, caracterizam a estrutura da representação social acerca da pessoa travesti.

Convém ressaltar que, a partir da interpretação dos resultados dispostos no quadro de quatro casas, os termos *mulher*, *diferente*, *opção*, *transformação* e *alegria* parecem explicitar particularidades do objeto representado, revelando o valor simbólico e afetivo dos campos semânticos. Nas palavras de Moscovici (2012, p. 60), “[...] a estrutura de cada representação nos parece desdobrada, ela tem duas faces tão pouco dissociáveis quanto o retro e o verso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica”. Por esse ângulo, são ilustradas a objetivação e a ancoragem, processos essenciais na construção de uma representação. Assim, se por um lado é atribuída a objetivação à elucidação da face icônica do objeto, por outro, a partir da referência e coesão grupal, compete à ancoragem outorgar sentido ao objeto representado.

Com base nas evocações, foi possível identificar o valor associativo atribuído a esses elementos a partir de uma dimensão normativa que designa elementos essenciais para ‘ser’ ou ‘estar’ travesti. Nesse sentido, à medida que se observa o quadrante superior direito, o mais relevante depois do núcleo central, considerando a estreita relação estabelecida entre eles, percebe-se que os elementos *preconceito*, *coragem* e *gênero* estreitamente se associam à *homossexual*, *mulher*, *diferente* e *transformação*. Na perspectiva da teoria, se o sistema central é normativo e constituído pelos valores diretamente associados ao objeto a partir de valores individuais, o sistema periférico permite que a representação seja ancorada e integrada às experiências cotidianas, “[...] gerando representações sociais individualizadas” (Abric, 2000, p. 33).

Para confirmar a centralidade dos elementos, a partir das evocações apreendidas acerca da pessoa travesti, utilizou-se a análise de similitude, que se baseia na teoria dos grafos, e permite identificar as co-ocorrências através da análise frequencial entre as evocações, resultante da conexidade entre elas (Camargo; Justo, 2013). Essa sistematização advém do cruzamento das frequências com a ordem em que foram evocadas e retrata a complexidade cognitiva a que o processo de evocação

demais elementos, a partir das sete ramificações expressivas que estabelecem entre si.

A disposição desta árvore, além de revelar a variedade de sentidos, valores e símbolos, denota estreita articulação entre os diversos elementos. Nesse sentido, à medida que o elemento *preconceito* forma um triângulo com os termos *diferente*, *transformação* e *opção*, isto parece ser atribuído em função de a pessoa se expressar, autoafirmar-se e/ou se identificar como travesti, o que torna essa vivência 'marcada' por preconceitos, constrangimentos, agressão e exclusão. Desse modo, 'ser' ou 'estar' travesti explicita (in)subordinação a normas e códigos heterossexistas que expõem essas vivências ao sentimento de inferioridade, considerando o constrangimento social, pois "se a experiência trans é atravessamento da inscrição de gênero, aqui, corpo vira tanto passagem como paisagem" (Vergueiro, 2015, p. 78).

Assim como a psicanálise, na França, demorou aproximadamente meio século para ser integrada ao senso comum (Moscovici, 2012), a mudança, no que se refere à travestilidade como identidade de gênero, também deve demorar algum tempo para ser incorporada ao pensamento cotidiano da população. Nesse aspecto, a universidade tem um papel fundamental na ressignificação de pensamentos hegemônicos através da renovação de conceitos e ações. De modo especial, a incorporação de temas transversais relacionados ao gênero, identidades de gênero, sexualidades, direitos sexuais e reprodutivos, nos componentes curriculares dos cursos de formação superior em saúde, pode se constituir numa ação que contribua para mudanças nas representações sociais acerca dessa temática.

Dada a complexidade do objeto em estudo, que mobiliza imagens e afetos, as disposições e decisões pessoais podem impactar nas práticas desenvolvidas, em função dos processos psicossociais e coletivos que atravessam aquela(e)s que cuidam e a(o)s que são cuidada(o)s. Desse modo, "[...] é um desafio estabelecer estratégias de ação que se associam à busca da diminuição da vulnerabilidade sem envolver-se com o modo de vida das travestis" (Rocha; Pereira; Dias, 2013, p. 563). O acolhimento e dispensa de cuidados devem ser condizentes com as reais necessidades da pessoa. É evidente que, para que esse atendimento se torne

efetivo, com a aplicação de técnicas que beneficiem as travestis, é necessário contar com a disposição tanto da(o) profissional quanto da pessoa atendida. Assim, do mesmo modo que os estudos de representações sociais permitem uma aproximação com o objeto representado, também possibilitam a desnaturalização de representações hegemônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das representações sociais acerca da pessoa travesti, entre a(o)s estudantes pesquisada(o)s, nos permitiu observar a realidade na perspectiva daquela(e)s que se propõem, futuramente, à dispensa de cuidados, assim como o cruzamento entre o saber científico e a realidade sociocultural. Neste estudo, os elementos que estruturam o núcleo central das representações sociais sobre a travesti - *homossexual, mulher, diferente, opção, transformação, alegria, identidade, pessoa e homem* - refletem que o grupo investigado não diferencia a orientação sexual da identidade de gênero. Ademais, fica evidente a reprodução de aspectos culturais e sociais, permeada pela determinação biológica centrada na denominação homem/mulher. Vale destacar ainda que o elemento *preconceito*, apesar de não compor o núcleo central, foi o termo mais evocado (94 vezes) entre as/os estudantes, o que revela sua interação com o núcleo central e a realidade, assegurando que as representações são ancoradas na vida prática. Convém ressaltar que, apesar de nenhum(a) participante ter se autorreferido enquanto travesti, compreenderam que o *preconceito* se caracteriza como o principal elemento enfrentado diariamente por quem se expressa enquanto tal.

Esta análise descritiva e exploratória, apesar de não ser representativa da população universitária, desvenda elementos importantes sobre as representações de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, possibilitando reflexões acerca das identidades gênero-divergentes, no que se relaciona ao impacto no processo de acolhimento e dispensa de cuidados no âmbito da saúde.

Por fim, podemos apontar que as representações sociais podem ser utilizadas como marco teórico-metodológico no empreendimento de explorações futuras, em virtude de permitirem saber como os indivíduos representam a pessoa travesti, condição

essencial para compreender as principais demandas desse segmento populacional. A partir daí, teremos a possibilidade de perceber, ao longo do tempo, se ocorreram modificações ou deslocamentos dessas representações e, então, funcionar como agente de mudanças nas práticas, contribuindo para a sistematização da assistência capaz de abranger a integralidade.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 27-38.

_____. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. S. (Org.). *Representações sociais e práticas educativas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 37-57.

ALEXANDRE, M. O saber popular e sua influência na construção das representações sociais. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 161-171, 2000.

ALMEIDA FILHO, N. *Universidade nova: textos críticos e esperançosos*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.

AYRES, J. R.; PAIVA, V.; BUCHALLA, C. M. Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde: uma introdução. In: _____. (Org.). *Vulnerabilidade e direitos humanos - prevenção e promoção da saúde: da doença à cidadania*. Livro 1. Curitiba: Juruá, 2012. p. 9-22.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENEDETTI, M. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. Apresentação. In: PELÚCIO, L. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 17-23.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOULEVARD, G. Vida de travesti é luta! Luta contra a morte, luta contra o preconceito, luta pela sobrevivência e luta por espaço. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JÚNIOR, A. B. (Org.). *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa, PR: Toda palavra, 2013. p. 69-81.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Travestis ganham campanha contra aids e preconceito*. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/travestis-ganham-campanha-contra-aids-e-preconceito>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. Ministério da Saúde. *Carta dos direitos dos usuários da saúde*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

_____. Ministério da Saúde. Campanha. *Sou travesti: tenho direito de ser quem eu sou*. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/travestis>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 10 abr. 2016.

CABRAL, V.; SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Espaço e morte nas representações sociais de travestis. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JÚNIOR, A. B. (Org.). *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Curitiba: Toda Palavra, 2013. p. 271-304.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

CUCHE, D. *O conceito de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DESCHAMPS, J-C.; MOLINER, P. *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GEISLER, A.; MARTINS, A. P. A. Do “ultraje público” a potência dos corpos “obscenos”: o direito (penal) na perspectiva *queer*. In: GEISLER, A. R. R. (Org.). *Protagonismo trans*: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade*. Niterói, RJ: Alternativa, 2015. p. 145-164.

JESUINO, J. C. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 42-75.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

_____. Experiência e representações sociais. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. (Org.). *Experiência e representação e social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 23-56.

_____. Recentes desenvolvimentos da noção de representações nas ciências sociais. In: ALMEIDA, A. M. O.; JODELET, D. *Representações sociais*:

interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. Brasília, DF: Thesaurus, 2009. p.105-122.

LANZ, L. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros.* Curitiba: Transgente, 2015.

LIMA, F. Biotecnologias, modos de subjetivação e práticas de si nos processos de hormonização entre homens transexuais. In: _____. *Corpos, gêneros, sexualidades: políticas de subjetivação – textos reunidos.* 2. ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. p. 111-130.

LOPES, S. H. S. S. Corpo, metamorfose e identidades: de Alan a Elisa Star. In: LEAL, O. F. *Corpo e significado: ensaios de antropologia social.* Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 227-231.

MATÃO, M. E. L. et al. Representações da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e de medicina. *Rev. Baiana saúde pública*, v. 34, n. 1, p. 101-118, jan.-mar. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/16/21>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

MOREIRA, A. S. P.; SOUZA FILHO, E. A. Representações sociais da epilepsia: como me percebo... como sou percebido. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). *Representações sociais: teoria e prática.* João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 203-222.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público.* Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Representações sociais: investigações em psicologia social.* 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, D. et al. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. et al (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais.* João Pessoa: UFPB, 2005. p. 573-603.

RATINAUD, P.; MARCHAND, P. Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux”: Analyse du “Cable Gate” avec IraMuTeQ. In *Actes des 11eme Journées Internationales d’Analyse Statistique des Données Textuelles.* Liège: JADT, 2012. p. 835– 844.

REIS, A. O. A. et al. Desvelando o programa EVOC 2000. In: REIS, A. O. A.; SARUBBI JÚNIOR, V.; BERTOLINO NETO, M. M.; ROLIM NETO, M. L.; (Org.). *Tecnologias computacionais para o auxílio em pesquisa qualitativa - software EVOC.* São Paulo: Schoba, 2013.

ROCHA, R. M. G.; PEREIRA, D. L.; DIAS, T. M. O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 2, p.554-565, jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902013000200024>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SÁ, C. P. Teoria e pesquisa do núcleo central das representações sociais. In: _____. *Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. p. 209-226.

SIMPSON, K. Travestis: entre a atração e aversão. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 109-117.

_____. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. p. 9-15.

TEIXEIRA, C. F. S.; COELHO, M. T. Á. D.; ROCHA, M. N. D. Bacharelado interdisciplinar: uma proposta inovadora na educação superior em saúde no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1635-1646, jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600015>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). *Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares*. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em: <<http://www.ihac.ufba.br/download/bi-legisla%C3%A7%C3%A3o/PROJETO%20PEDAGOGICO%20DO%20BI%20SAUDE.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

VERGÈS, P. *Ensemble de programm espermettant l'analyse des évocations*. Manuel d'utilisateur. Aix em Provence: Université Aix em Provence, 2003.

VERGUEIRO, V. Reflexões autoetnográficas trans* sobre saúde: invisibilizações e marginalizações sistêmicas, e resistências à patologização e normatização das diversidades de gênero. In: GEISLER, A. R. R. (Org.). *Protagonismo trans**: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói, RJ: Alternativa, 2015. p. 106-133.

Contribuição da(o)s autora(s)

Os autores participaram, igualmente, da concepção, delineamento, coleta, análise, interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

2.2 SER TRAVESTI É... “TER ATITUDE POR SE ‘ASSUMIR’ DIFERENTE”: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES

O artigo “Ser travesti é... “ter atitude por se ‘assumir’ diferente”: um estudo de representações sociais” foi elaborado a partir das instruções a(o)s autora(e)s para apresentação a(o)s editores da Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação, publicada pelo Laboratório de Comunicação e Educação em Saúde – Departamento de Saúde Pública, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, disponíveis no link <http://www.scielo.br/revistas/icse/pinstruc.htm>, acessado em abril de 2016.

“Ser travesti é... “ter atitude por se ‘assumir’ diferente”: um estudo de representações sociais”

Carlos Alberto Porcino

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

SER TRAVESTI É... “TER ATITUDE POR SE ‘ASSUMIR’ DIFERENTE”: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES¹

Carlos Alberto Porcino², Maria Thereza Ávila Dantas Coelho³, Jeane Freitas de Oliveira⁴

¹Trabalho extraído da dissertação: “**Quem você pensa que ela é?**: representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia acerca da travesti” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia (PPGEISU/IHAC//UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

²Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU)/Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC).

³Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC)/Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU).

⁴Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ser travesti é... “ter atitude por se ‘assumir’ diferente”: um estudo de representações sociais⁽¹⁴⁾

Resumo

Neste artigo objetivou-se compreender os sentidos das representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde sobre a pessoa travesti. Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida com 243 estudantes devidamente matriculados no semestre 2014.2, que responderam ao teste de associação livre de palavras com a expressão indutora “pessoa travesti”. O *corpus* constituído pelas justificativas para os termos apontados como mais importantes foi processado pelo *software* IRAMUTEQ baseando-se na classificação hierárquica descendente e resultou na conformação de quatro classes, com aproveitamento de 75,82%. Para o grupo investigado não se nasce, ‘torna-se’ travesti e esta condição ainda se mostra como sinônima da orientação sexual. Pretende-se, a partir deste trabalho, contribuir para que travestis, ao acessarem os serviços de saúde, tenham suas singularidades respeitadas e um atendimento equânime e humanizado.

Palavras-chave: Travesti. Representações Sociais. Educação Superior. Saúde.

Being a transvestite means... “having attitude by ‘assuming’” being different”: a study on social representations

Abstract

The purpose of the present article was to understand the perceptions in social representations of students of interdisciplinary bachelor’s degree in health on the transvestite person. A qualitative research developed with 243 students duly enrolled in the semester 2014.2, answering the free word association test with the key-word “transvestite people”. The *corpus*, consisting of justifications for the terms pointed out as the most important, was processed using the IRAMUTEQ software based on Descending Hierarchical Classification, resulting in four classes, with a 75,82% use. For the investigated group one is not born a transvestite, one ‘becomes’ a transvestite and this condition is still demonstrated as a synonym of sexual orientation. The intention of this paper is to contribute for transvestites, when using health services, to have their singularities respected, and receive a fair and humanized care.

Key-words: Transvestite. Social Representations. Higher Education. Health.

(14) Extraído de “Quem você pensa que ela é?: representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia, sobre a travesti”, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), Universidade Federal da Bahia, Salvador, em 2016.

Ser travesti es... “tener actitud por ‘asumirse’ diferente”: un estudio de representaciones sociales

Resumen

En el presente artículo se objetivó comprender los sentidos de las representaciones sociales de estudiantes en la Licenciatura Interdisciplinar en Salud sobre la persona travesti. Se trata de una pesquisa cualitativa desarrollada con 243 estudiantes debidamente matriculados en el semestre 2014.2, que respondieron al teste de asociación libre de palabras con la expresión inductora “persona travesti”. El *corpus* constituido por las justificativas para los términos apuntados como más importantes fue procesado por el *software* IRAMUTEQ basándose en la clasificación jerárquica descendente y resultó en la conformación de cuatro clases, con aprovechamiento de 75,82%. Para el grupo investigado no se nasce, ‘tornase’ travesti y esta condición aún se muestra como sinónimo de la orientación sexual. Se pretende, a partir de este trabajo, contribuir para que travestis, al acceder a los servicios de salud, tengan sus singularidades respetadas y un atendimento ecuánime y humanizado.

Palabras-clave: Travesti. Representaciones Sociales. Educación Superior. Salud.

Introdução

No Brasil, é evidente a necessidade de refletir acerca da complexidade que perpassa a formação superior em saúde, produzindo enfrentamentos e incorporando o reconhecimento da cidadania junto ao processo saúde-doença¹. No entanto, no que se refere às demandas e/ou necessidades no âmbito da saúde de pessoas cujas identidades de gênero divergem do padrão heteronormativo, mais especificamente travestis, mulheres e homens transexuais, percebe-se o quanto esse processo de formação em muito se distancia da realidade.

Frente a esse contexto, os avanços ainda são incipientes quando se vislumbra o cuidado integral sob a perspectiva da formação dos profissionais de saúde. Se, por um lado, o perfil desses profissionais demonstra qualificação insuficiente, por outro as mudanças se tornam emergentes². Apesar da complexidade frente aos processos de mudanças, a universidade necessita tanto de investimentos em apoio técnico, quanto o empreendimento de esforços para garantir a realização da sua missão³.

Formar profissionais para atuação em saúde, com perfil que atendam as necessidades sociais, se configura num dos maiores desafios no âmbito do ensino superior, considerando as particularidades demandadas pela natureza desse trabalho. Pereira et al.⁴ apontam que são evidentes os esforços despendidos por Instituições de Ensino Superior (IES), na medida em que privilegiam a articulação entre teoria e prática como alternativa em suas ações educativas, ao facultarem, junto ao corpo docente, competências e habilidades no que concerne ao trabalho em equipe, de modo a desenvolver o potencial crítico e reflexivo.

A esse respeito, de acordo com o projeto pedagógico, o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BI em Saúde) objetiva agregar uma formação “geral humanística, científica e artística ao aprofundamento no campo da saúde, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades [...] gerais e específicas [...] para uma posterior formação profissional”⁵ (p. 7). Desse modo, as discussões em torno da política de saúde no decorrer da graduação possibilitam, a/ao egressa(o) do BI em Saúde, o desenvolvimento de competências e habilidades, assim como a capacidade de “realizar uma leitura pertinente, sensível e crítica da realidade natural e humana em que está inserido[a]”⁶ (p.144).

Os conhecimentos aprendidos e apreendidos no universo da saúde provêm de diferentes campos do saber e, por isso, sofrem um processo de desarticulação dos contextos em que emergem. A partir daí, se constituem novos arranjos de ideias, conceitos e modelos relacionados ao cuidado e ao cuidar na dimensão da saúde, que possibilitam a ampliação de horizontes, a visão sistematizada dessa prática, incorporando novas formas de conhecimento e contribuindo de modo mais assertivo para o desenvolvimento científico nas áreas da educação e saúde⁷.

Dessa forma, se faz necessário apreender as representações sociais quando se pensa sobre a importância dos significados para o planejamento e a dispensa de cuidados a outrem. Ao mesmo tempo, torna-se fundamental (re)conhecer as explicações e ideias circulantes no campo da saúde, considerando que estas possibilitam o dimensionamento das práticas no âmbito institucional, assim como dos padrões de referência que orientam as trocas simbólicas e a comunicação junto aos grupos envolvidos⁸.

Em função de serem pouco compreendidas, em particular por profissionais de saúde, as travestis costumeiramente enfrentam preconceitos e violências, na medida em que demandam e/ou acessam os serviços de saúde. Essas situações, além de impactar na saúde, promovem distorções na equidade, um dos princípios mais importantes do Sistema Único de Saúde (SUS)^{9,10}. Jara Casco¹¹, discorrendo sobre sua trajetória no campo ao pesquisar a vida de moradores na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro, afirma: “ali pude presenciar situações de discriminação ostensiva ou discreta, observando travestis sendo olhado[a]s de soslaio e com sorrisos irônicos ou de desprezo, sendo atendido[a]s rapidamente para ‘não haver confusão’”¹¹ (p. 59). Romano¹², em trabalho desenvolvido em unidade da Estratégia Saúde da Família (ESF), reitera que “[...] olhar para o outro se torna um desafio. Quando este outro é uma travesti, melhor desviar o olhar [...] dar visibilidade à discussão sobre sexualidade, homo[trans]fobia e direito à saúde envolve mais do que valores”¹² (p.8).

Em nossa prática⁽¹⁵⁾, também observamos que direitos básicos, como, por exemplo, a reivindicação para serem tratadas pelo nome social, nem sempre são levados em consideração por profissionais de saúde. Nesse caso, por não respeitarem sua expressão e identidade de gênero pautada no/pelo feminino, é como se o atendimento fosse dispensado ao seu documento de identificação e não à sua pessoa¹⁰.

Assim, o termo ‘travesti’, no contexto atual, tem sido utilizado com uma conotação negativa, como se a pessoa que assim se apresenta se ‘utilizasse de um disfarce para ser o que não se é’. De acordo com Jesus¹³, as travestis são pessoas que “vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não gênero”¹³ (p. 55). Seguindo essa perspectiva, Simpson¹⁴ aponta que “as travestis vieram ao mundo para jogar o gênero de cabeça para baixo, pois tudo passa a ser questionável em matéria de gênero”¹⁴ (p.113) e que reivindicam sua identidade

¹⁵ Pelo primeiro autor, acompanhamento a travestis em atendimento em Unidades de Saúde, na cidade de Salvador-BA, visitas hospitalares e domiciliares a travestis e a mulheres trans, e atendimento psicoterapêutico semanal, na Associação de Travestis de Salvador (ATRAS) / Grupo Gay da Bahia (GGB).

pautada por um feminino que não é o feminino da mulher, mas um feminino que é tipicamente travesti¹⁵.

Assim, trazer à tona esta discussão, pautada nas e/ou pelas representações sociais de estudantes que experienciam a formação em saúde, objetiva, de modo especial, contribuir para a reflexão no que se refere aos desafios e avanços que perpassam esse processo formativo. Como ressalta Jodelet¹⁶, as representações permitem acessar as dimensões simbólicas, culturais e práticas no que se refere aos fenômenos sociais, à medida que “estabelecem articulações entre os diferentes setores da vida social [...] sob a forma de relações de sentidos e de acordo com uma lógica própria, a lógica das representações ou da ideo-lógica”¹⁶ (p. 111-12). Nas palavras de Spink¹⁷, as representações sociais são reconstruções e nunca reproduções, tendo em vista que as representações se configuram em interpretações da realidade, permeada por constituições subjetivas e mediada pelo contexto histórico cultural.

Convém salientar que, de acordo com Moscovici¹⁸, dois processos básicos devem ser considerados ao se falar na formação das representações sociais: ancoragem e objetivação, os quais dão conta da maneira como o contexto social transforma um conhecimento em representação e do modo como a respectiva representação modifica/transforma esse contexto. Ou seja,

A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas, a partir do que já é conhecido¹⁸ (p. 78).

Nesse sentido, é relevante explorar as representações sociais e os conteúdos apreendidos sobre a pessoa travesti entre estudantes de cursos da área da saúde, para se compreender como o conhecimento construído socialmente subsidia os comportamentos, condutas e ações no que tange à saúde de travestis, tendo em vista que visões conservadoras e patologizantes ainda predominam e fundamentam, *a priori*, o discurso biomédico. Portanto, neste estudo, serão identificados os

sentidos das representações sociais apreendidas de estudantes do BI em Saúde da UFBA, sobre a pessoa travesti.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, delineada sob o referencial teórico das representações sociais, realizada com 243 estudantes do BI em Saúde da UFBA, no semestre letivo 2014.2, matriculadas/os no componente curricular 'HACA40 - Campo da Saúde: Saberes e Práticas' que, por ser obrigatório, concentra o maior número de alunas/os. No respectivo semestre, foram disponibilizadas 335 vagas, das quais 257 foram preenchidas. Desse número, 243 aceitaram responder ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), 11 não participaram por terem idade inferior a 18 anos e três não manifestaram interesse em participar da pesquisa. Os dados foram coletados de modo coletivo, em sala de aula, a partir de combinação prévia com a/o docente responsável pelo componente curricular.

No que concerne aos aspectos éticos, o projeto de pesquisa foi aprovado sob o protocolo de nº 684.219/2014, em atendimento ao que preconiza a Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde¹⁹. As/Os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurado o direito de livre participação, bem como total liberdade em retirar seu consentimento em qualquer etapa da pesquisa. Para resguardar o anonimato da(o)s participantes, as respostas do questionário sociodemográfico e do TALP estão identificadas no texto alfanumericamente, configuradas no seguinte termo: (E_{xx}).

As/Os estudantes participantes deste estudo, em sua maioria, se autorreferiram como mulheres (68,7%), na faixa etária de 18 a 29 anos, solteiras, soteropolitanas, de cor parda (55,9%) e adeptas da religião católica. No que se refere à semestralidade, 85,1% estavam matriculados entre o primeiro e terceiro semestre e 33,7% referiram exercer atividade remunerada (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição da(o)s estudantes do BI em Saúde da UFBA, participantes deste pesquisa, segundo variáveis sociodemográficas. Salvador, Bahia, Brasil, 2014 (n=243).

Variável	Homem		Mulher		Total	
Faixa etária	N	%	N	%	N	%
18 a 29 anos	60	24,69	141	58,02	201	82,72
30 a 39 anos	10	4,12	18	7,41	28	11,52
40 a 49 anos	04	1,65	06	2,47	10	4,12
50 ou mais	02	0,82	02	0,82	04	1,65
Estado civil						
Solteira(o)	64	26,34	143	85,63	207	85,19
Casada(o)	08	3,29	17	10,18	25	10,29
Divorciada(o)	03	1,23	04	2,40	07	2,88
União estável	01	0,41	02	1,20	03	1,23
Viúva(o)	00	0,00	01	0,60	01	0,41
Naturalidade						
Salvador (SSA)	47	19,34	113	46,50	160	65,84
Não SSA, BA	23	9,47	36	14,81	59	24,28
Não Bahia	06	2,47	18	7,41	24	9,88
Raça/Cor						
Amarela	00	0,00	02	0,82	02	0,82
Branca	08	3,29	28	11,52	36	14,81
Indígena	02	0,82	02	0,82	04	1,65
Parda	45	18,52	91	37,45	136	55,97
Preta	21	8,64	44	18,11	65	26,75
Semestralidade						
1º semestre	03	1,23	09	3,70	12	4,94
2º semestre	57	23,46	123	50,62	180	74,07
3º semestre	06	2,47	09	3,70	15	6,17
4º semestre	08	3,29	18	7,41	26	10,70
5º semestre	00	0,00	03	1,23	03	1,23
6º semestre	02	0,82	05	2,06	07	2,88
Atividade remunerada						
Sim	30	12,35	52	21,40	82	33,74
Religião						
Católico(a)	27	11,11	47	19,34	74	30,45
Protestante	09	3,70	48	19,75	57	23,46
Não praticante	01	0,41	02	0,82	03	1,23
Não possui religião	23	9,47	49	20,16	72	29,63
Outra	16	6,58	21	8,64	37	15,23

A aplicação do TALP consistiu em solicitar às/aos estudantes que, a partir da expressão indutora “pessoa travesti”, enunciassem até cinco palavras que rapidamente lhes ocorresse à mente. Em seguida, que classificassem as palavras evocadas por ordem de importância, de 1 a 5. Por último, que explicasse por que determinada palavra foi considerada a mais importante.

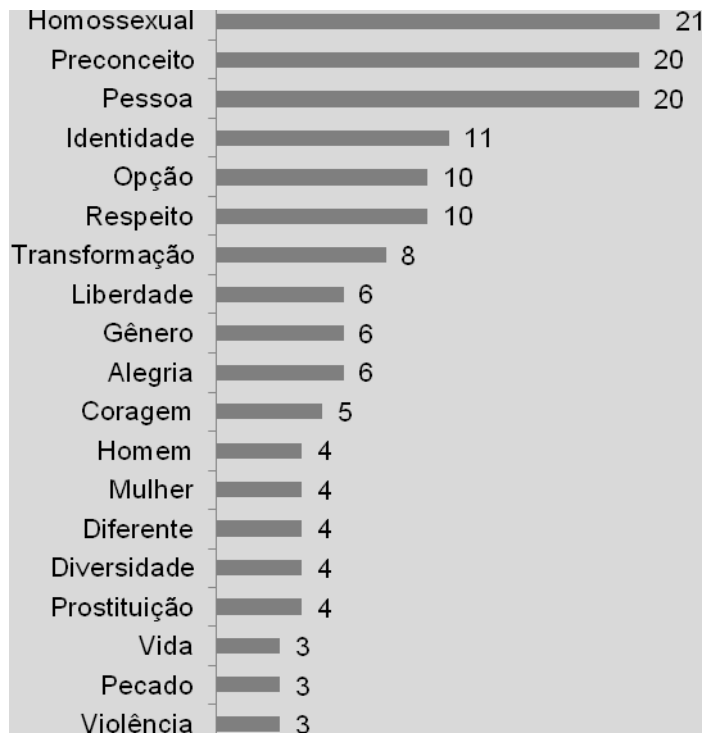
Para o delineamento das representações sociais, os 243 termos evocados, considerados mais importantes, foram digitados e organizados com o auxílio do programa *Microsoft Excel*. Posteriormente, foram agrupados semanticamente em consonância com a frequência. Dentre esses, 20 foram selecionados para a elaboração do diagrama em barras por ordem decrescente de frequência, conforme a proposição de Bardin²⁰.

Os resultados apreendidos das justificativas atribuídas às evocações consideradas mais importantes foram organizados com o auxílio do aplicativo *Open Office Writer* e processados pelo software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*)²¹, baseando-se na classificação hierárquica descendente (CHD). Esses elementos foram definidos a partir de um *corpus* composto por 244 segmentos de texto, 1.186 formas diferentes e 185 segmentos dimensionados pelo programa, e conformaram quatro classes, que se mostraram estáveis, com aproveitamento de 75,82% do material analisado, assim denominadas: Classe 1 - “(Re)fazer o corpo”: possibilidade(s) para ‘ser/estar’ travesti; Classe 2 - Travestilidades: vivências marcadas por preconceitos; Classe 3 - Liberdade como possibilidade de escolha no ‘tornar-se’ travesti; e Classe 4 - Travesti: pelo direito a ‘escolher’ o que se é.

Resultados e discussão

Como resposta à expressão indutora “pessoa travesti”, elaborou-se o diagrama em barras (Figura 1) que, de acordo com Bardin²⁰, permite representar a informação de maneira condensada, a partir das evocações classificadas como mais importantes.

Figura 1. Diagrama em barras das 20 - entre as 243 - evocações justificadas como mais importantes por estudantes do BI em Saúde da UFBA, sobre a pessoa travesti. Salvador, 2014-2015.



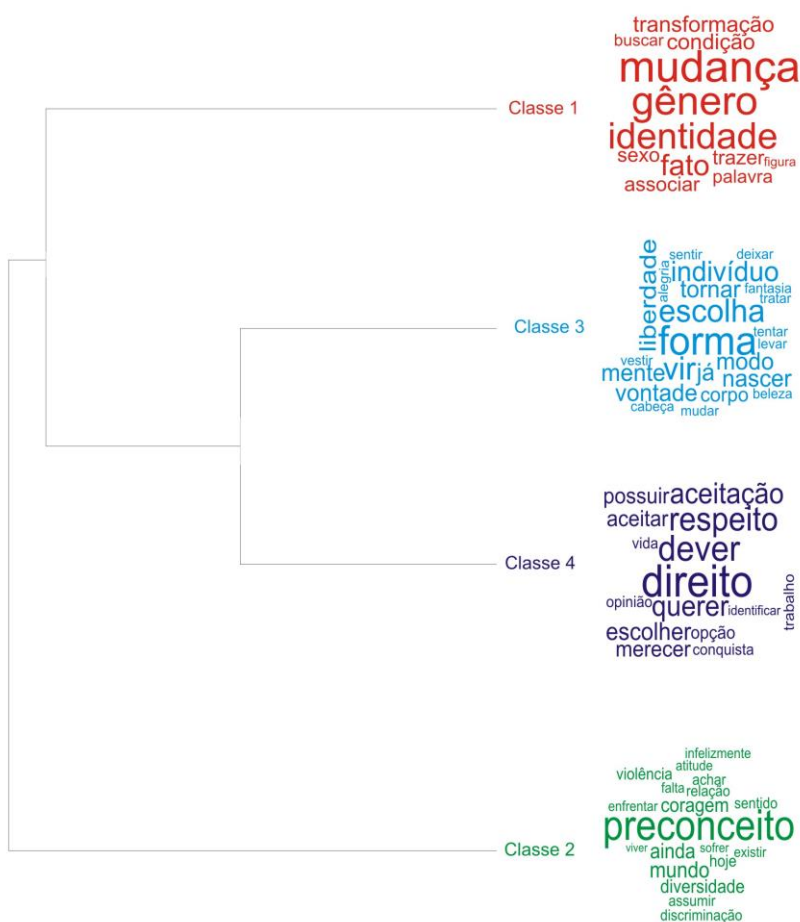
Entre as 243 evocações, o termo *homossexual* ocupa a primeira posição, sugerindo que para o grupo investigado o termo travesti está ligado à orientação sexual. Vale ressaltar que, concebê-la dessa forma, conota a atribuição do conceito 'homossexual' à identidade travesti, porém esses termos não são sinônimos, tendo em vista que mobiliza dimensões diferenciadas nas vidas das pessoas. No entanto, as(os) alunas(os) também a reconhecem como uma pessoa que, em função de sua identidade de gênero, vivencia preconceitos e a sua condição merece respeito. Os elementos *preconceito* e *pessoa*, respectivamente, apresentam frequências semelhantes e evidenciam que, para as/os estudantes, a vivência travesti é marcada por preconceitos e exclusão em virtude de não se 'enquadrarem' nas normas de sexo-gênero. Para Simpson¹⁴ (p.114), "a exclusão responde, portanto, como castigo a quem não se comporta nos padrões convencionais".

A priori, essas são questões que não devem ser negligenciadas, tendo em vista que indivíduos ou grupos não são receptores passivos. Ao contrário, pensam, estabelecem comunicações, ao tempo em que, constantemente, produzem representações¹⁸.

Por esse ângulo, as representações sociais sobre a travesti têm implicações diretas sobre suas vidas, na medida em que comportamentos adotados por profissionais de saúde resultam de representações e estereótipos socialmente compartilhados, que podem não corresponder ao modo como elas se expressam e/ou ao gênero a que sentem pertencer.

No processamento das justificativas atribuídas às evocações consideradas mais importantes, foram identificadas quatro classes ou categorias semânticas, as quais estão representadas na figura 2. Observa-se que a classe 2 (29,82%) abrange as demais, seguida da classe 1 (24,90%), que integra as classes 3 e 4 (22,2% e 23,5%) respectivamente, com $p=0,0001$, ou seja, os termos possuem significância estatística em cada classe: 1 - *gênero, identidade, mudança, condição e fato*; 2 - *preconceito e coragem*; 3 - *forma, escolha, tornar, nascer, vontade e liberdade*; e 4 - *direito, dever, querer, escolher e opção*.

Figura 2. Dendograma das classes indicativas de representações sociais de estudantes do BI em Saúde da UFBA, sobre a pessoa travesti - Classificação Hierárquica Descendente. Salvador, 2014-2015.



As classes 1 e 3 apresentam palavras que evidenciam questões sobre a(s) travesti(lidades), relacionadas à identidade, ao gênero e às alterações/modificações corporais, tecnologias utilizadas pelas travestis para ‘dar’ forma ao corpo desejado. A classe 4 apresenta elementos que retratam direitos e escolhas pessoais. A classe 2 revela que, para ‘se assumir’ enquanto travesti, é necessário coragem para enfrentar preconceitos.

A classe 1 - “(Re)fazer o corpo”: possibilidade(s) para ‘ser/estar’ travesti –, constituída pelos vocábulos mais frequentes *gênero, identidade, mudança, condição e transformação*, permitiu a inferência de que os conteúdos se agrupam em torno do que a(o)s estudantes pensam sobre as possíveis modificações empreendidas pelas travestis no sentido de adequarem o seu corpo ao modo como se autopercebem.

Nesse caso, para a(o)s estudantes, modificar/alterar o corpo se torna o passo inicial com vistas à superação da ‘insatisfação’ com a conformação corporal, fundamental no processo de autoafirmação da travesti, por proporcionar a concretização de desejos no que tange ao modo de ‘ser/estar’ de cada pessoa, correspondendo às singularidades individuais. Tal afirmação pode estar embasada nos seguintes segmentos de textos:

[...] a identidade é a mais importante, pois corresponde à individualidade de cada um [...] a escolha da palavra insatisfação como a mais importante é pelo fato de ser o passo inicial para uma mudança futura o sujeito em virtude de se sentir insatisfeito com aquela identidade [...] transformação, pois representa a busca de uma mudança de identidade quando não se está feliz da maneira que é. Importante é estar bem consigo mesmo [...] transformação, pois é um processo que envolve muito autoconhecimento, coragem e autoestima para que tenha o desfecho de mudança de gênero efetivamente [...] mudança, porque o[a] travesti se veste como o gênero oposto, há uma mudança quanto à característica física. (E₂₄₂; E₁₆₄; E₁₃₃; E₀₉₃; E₀₇₂)

Os conteúdos desses segmentos indicam que a(o)s estudantes fundamentam-se, parcialmente, no pensamento reificado sobre a identidade travesti. Alguns teóricos do campo da Antropologia investigaram acerca do modo como travestis se autopercebem, bem como sobre o uso de técnicas com vista às modificações corporais e sobre os gêneros autorreferidos. Dentre esses, destacam-se Peres^{22,23},

Benedetti¹⁵, Kulick²⁴ e Pelúcio²⁵, que buscaram, através de relatos e convivências com travestis, informações sobre esses aspectos, incluindo as facilidades e dificuldades no processo de ‘fabricação do corpo’, a partir do uso de contraceptivos orais e injetáveis e da utilização do silicone industrial.

Para Pelúcio²⁵, “as travestilidades não podem ser sem um corpo transformado, marcado por um feminino que procura borrar, nesses corpos, sem apagá-lo de todo”²⁵ (p. 27). Nesse sentido, Benedetti¹⁵ pontua que as travestis se utilizam de vários recursos, produtos e investimentos com a finalidade de produção do corpo e de uma expressão pautada no feminino: “embora seja possível estabelecer e visualizar regularidades nesse processo de transformação, cada travesti o vivencia de forma singular, com tempos e ‘fases’ específicas”¹⁵ (p. 73). Peres²³, em sua pesquisa sobre as subjetividades e corporalidades de travestis, deparou-se com modos de organização de seus corpos, sexualidades e gêneros, borrados frente aos modelos identitários predominantes, pautados, ainda, por masculino/feminino e ativo/passivo.

Assim, esta classe destaca o pensamento da(o)s estudantes sobre as possíveis tecnologias, das quais se utilizam as travestis nos processos de ‘(re)construções’ corporais, bem como a importância desses artifícios no processo de autoafirmação.

Na classe 2 - *Travestilidades: vivências marcadas por preconceitos* -, os termos mais frequentes *sociedade, preconceito, coragem, diversidade, violência e discriminação* revelam as representações construídas pela(o)s estudantes sobre o preconceito enfrentado por travestis, em função de estas não se enquadrarem no modelo heteronormativo.

Para a(o)s estudantes, de maneira geral, as pessoas que se autoafirmam enquanto lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT), cotidianamente, enfrentam atitudes preconceituosas, por divergirem da norma social que pauta o binarismo entre os sexos/gêneros e a heterossexualidade compulsória. Ressaltam ainda que, quando se pensa em travestis, estas são/estão muito mais expostas a atitudes preconceituosas e violências que as demais pessoas que compõem o acrônimo LGBTT. Nesse aspecto, as travestis acabam sendo colocadas à margem,

cada vez mais devido aos processos de normatização organizados pela/na sociedade, conforme se verifica nos seguintes segmentos de textos:

[...] na sociedade em que vivemos são praticados muitos atos de intolerância perante a estas pessoas [...] devemos acabar com essa atitude preconceituosa e respeitar escolhas, comportamentos e identidades diferentes das pessoas [travestis] [...] o preconceito tem afetado grande parte da população LGBT. Referente ao [a] travesti é bem pior, infelizmente esse é o quadro do país em que vivemos [...] o preconceito com esse grupo estigmatizado é muito presente na nossa sociedade, reconhecer o outro e aceitar o diferente precisa se estabelecer na sociedade [...] tudo que ronda o universo dos[de] travestis e transexuais hoje é a violência, principalmente pela discriminação e falta de uma rede de apoio. (E₁₀₈; E₁₄₆; E₂₁₆; E₂₁₃; E₁₂₄)

Na perspectiva da(o)s estudantes, romper com as convenções sociais de gênero e sexualidade, de modo particular, é se expor a situações de discriminação e violência. Em muitos casos, ‘assumir’ sua condição perante a família não é uma tarefa fácil, pois, quando se é expulsa de casa, as dificuldades se intensificam. Nesse caso, para (sobre)viver como travesti em uma sociedade preconceituosa e que não respeita as diferenças, é necessário ‘ser forte’ e dispor de muita ‘coragem’. Os segmentos a seguir ilustram parte dessa afirmação:

[...] não são todas as pessoas que têm coragem de assumir devido aos preconceitos muitas vezes até mesmo da família [...] a coragem é primordial para se afirmar em uma sociedade tão complexa e cheia de preconceitos [...] porque, apesar de eles[elas] lutarem para ser quem e como eles[elas] desejam, ainda tem todo preconceito, discriminação e violência existente na sociedade. (E₀₄₄; E₀₉₀; E₁₀₃)

Essa objetivação feita pela(o)s participantes do estudo está em consonância com o que preconiza Simpson¹⁴, ao afirmar que, entre as parcelas populacionais vulneráveis e excluídos, “a que mais causa estranheza é, sem dúvida, a das travestis, pois como a identidade é visível, fica difícil ocultar-se ou misturar-se na multidão, passar despercebidas”¹⁴ (p.113). Essa perspectiva também é compartilhada por Lee²⁶, quando afirma: “ser travesti é agüentar o preconceito, porque a maior parte que a travesti vive todo dia é a discriminação, a falta de oportunidade de trabalho”²⁶ (p. 31). No universo existencial da travesti, “podemos perceber a presença de exclusões de toda ordem, de desigualdades que enfraquecem suas potencialidades e marginalizam suas práticas”²³ (p. 77).

Assim sendo, os termos e ideias comportadas nesta classe, além de demonstrar sensibilidade da parte da(o)s estudantes, estão ancoradas em afeto e respeito para com a pessoa que se autoafirma enquanto travesti. Como bem pontua Arruda²⁷, os afetos não são entidades que se encapsulam, tampouco produções solitárias e/ou individuais. Ao contrário, acontecem no cotidiano, mediada nas/pelas relações que se estabelecem com o mundo e com o outro.

A classe 3 - *Liberdade como possibilidade de escolha no 'tornar-se' travesti* -, organizada em torno dos elementos *forma, escolha, tornar, nascer, vontade e liberdade*, revela que os conteúdos perpassam as possibilidades que transcendem o 'nascer' para 'tornar-se' travesti. O conjunto de palavras que compõe essa classe retrata a interrelação entre a liberdade, escolhas, motivações pessoais e a forma de 'ser/estar' travesti.

Convém ressaltar que a liberdade possibilita o '(re)inventar-se' e a 'con(forma)ção', com vistas à superação da determinação biológica, apontados nos segmentos a seguir:

[...] a liberdade é importante para o ser humano expressar seus direitos e vontades [...] resistir em uma sociedade machista, engessada. Com padrões fixos de gênero e saber viver e resistir, buscando ser feliz pelo que é, e não como nasceu é a confirmação de sua identidade [...] a pessoa nasce de uma maneira biológica e a sexualidade lhe impõe uma vivência padrão. Porém, as travestis transcendem essa barreira modificando seus corpos [...] elas vivem sua escolha [...] o mais importante é que cada um[a] seja feliz independente de suas escolhas, já que cada um[a] é dono[a] de si e tem a liberdade de fazer o que quer com seu corpo. (E₂₃₀; E₁₆₉; E₀₀₂; E₀₅₀)

Fica evidente que, para o grupo investigado, à vontade e a escolha são elementos fundamentais na tomada de decisão individual. Se, por um lado, a vontade, subentendida como motivação, se torna o passo inicial, por outro, 'dar forma' relaciona-se à autoimagem e ao modo como se deseja ser vista/notada, conforme exemplificam os segmentos abaixo:

A vontade é o que iniciaria o processo de se tornar um[a] travesti [...] o corpo do outro só deve razão a ele, o que a levou a ter determinada orientação de se vestir ou se arrumar dessa forma só

deve respeito à ela [...] ninguém nasce travesti, como é uma escolha a partir dos sentimentos da pessoa se tornar um[a], já que dessa forma iria se sentir melhor. (E₀₇₁; E₀₈₂; E₀₀₅)

Para Simpson¹⁴, a formação da identidade social da travesti dar-se-á a partir de seu entendimento enquanto cidadã. Lee²⁶ afirma que foi difícil o seu processo de ‘aceitação’ e ‘transformação’ pela falta de apoio do núcleo familiar. Nikaratty²⁸ relata que “[...] desde os meus treze anos eu já sabia que ia ser uma travesti [...] minha transformação não foi da noite para o dia, muito menos tranquila”²⁸ (p. 39-40).

No entanto, na contramão desse ponto de vista, em que cada pessoa tem a liberdade para ‘melhor’ adequar as conformações corporais em consonância ao modo como se identifica e ao gênero a que sente pertencer, os segmentos a seguir ilustram conteúdos centrados no determinismo biológico, em estreita ligação com a religiosidade.

Pecado, porque acredito que se nascemos com determinada opção sexual não devemos tentar brincar de Deus e mudar [...] tenho uma formação evangélica e entendo que cada ser humano nasceu segundo o desejo do Senhor, não devendo esta interferir de qualquer forma na criação [...] pecado, pois julgando no contexto religioso o qual eu pertença considero mais como pecado já que no padrão bíblico Deus criou homem e mulher, entretanto respeito a decisão de cada um [...] tenho a Bíblia que é a palavra de Deus como meu objeto de fé e ela me ensina que tal prática vai de encontro aos ensinamentos do Deus vivo. (E₁₇₃; E₂₀₁; E₀₉₈; E₀₆₈).

Tais idéias se encontram ancoradas na dimensão psicológica centrada na religiosidade. Na medida em que essa(e)s estudantes concebem a travesti como pecado, isto permite inferir uma crença no determinismo. Ou seja, nasceu com pênis/vagina é homem/mulher e, compulsoriamente, sua orientação deve ser pautada na/pela heteronormatividade.

Acrescente-se que, por um lado, essa concepção parece não ser consensual. Entre a(o)s 57 estudantes que se autorreferiram como protestantes, quatro compartilham desse entendimento. Entretanto, para as travestis, na medida em que se contrapõem ao determinismo, a anatomia deixa de ser o destino. Nesse processo, o que importa é a luta com vistas à superação, pois “uma vez desmarcada, o futuro do corpo é a prótese. Isso os[as] travestis compreenderam bem. Há muito tempo”²⁹ (p. 8).

Para Musskopf³⁰, se por um lado é possível observar avanços em relação à discussão sobre a religiosidade-sexualidade, por parte de algumas instituições religiosas, denominadas 'igrejas inclusivas', por outro constata-se ataques a temas relacionados à diversidade sexual e aos direitos sexuais e reprodutivos por grupos e algumas instituições religiosas. Nesse aspecto, as objetivações da(o)s estudantes com viés religioso é um fato que nos chama a atenção. Diante de tais colocações, reafirma-se o entendimento e a evidência de representações hegemônicas que ainda permanecem cristalizadas e são acionadas à medida que se discorre sobre as identidades de gênero divergentes da norma.

A classe 4 - *Travesti: pelo direito a 'escolher' o que se é* - organiza-se em torno dos elementos *direito, dever, querer, escolher e opção*, pautada pelo direito individual, que faculta à pessoa escolher o modo de 'ser/estar'.

Para a(o)s estudantes, a pessoa possui a autonomia para escolher o que entende que é melhor para si e que lhe faz bem. Nesse sentido, 'ser travesti' é apontado como um direito da pessoa. Esta, por sua vez, poderá utilizar-se das biotecnologias e empreender as alterações/modificações corporais, por sentir/perceber que o corpo, do modo como está, não a satisfaz. Os segmentos abaixo revelam esses sentimentos:

[...] todos possuem o direito de escolher como se portar, o que vestir entre outros e devem escolher aquilo que lhe faz bem [...] travesti é um ser humano e por isso merece respeito, possuem direitos e deveres [...] independente de orientação ou opção todos são pessoas que devem ter esse direito reconhecido e respeitado de ser o que é [...] ser travesti é o direito da pessoa que não se identifica com o corpo que possui e tem o direito de escolher o que quiser fazer com ele (E₀₇₀; E₂₃₆; E₂₁₇; E₂₃₇).

O conjunto de palavras que compõe a classe quatro revela que o grupo investigado expressou respeito e sensibilidade para com as pessoas cujas identidades de gênero divergem das demais. Assim, como todas as pessoas, as travestis possuem direitos para fazer suas escolhas. Com isso, a partir do momento em que se compreendem as questões que envolvem o processo de/para 'tornar-se' travesti, profissionais de saúde poderão orientar e melhorar suas práticas no que concerne,

especialmente, ao planejamento de ações e prestação de cuidados, ajudando-as nessa fase de transição, na minimização de riscos e na redução dos possíveis danos e agravos à sua saúde.

Portanto, as significativas relações entre o preconceito, estigma, violência e os agravos à saúde exigem um aprofundamento teórico-conceitual que priorize sensibilização para com o sofrimento do outro e contribua para que programas de enfrentamento a esses processos sejam bem sucedidos. No campo da saúde, por exemplo, podemos citar a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, instituída pelo Ministério da Saúde, através da Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, que garante às travestis o direito à saúde integral, humanizada e de qualidade no âmbito do SUS³¹.

Assim, a leitura das representações acerca da travesti se processa em estreita relação com as interlocuções imaginárias, simbólicas e conceituais, inter-relacionadas ao saber comum e hegemônico. Enquanto o senso comum, socialmente integrado, se inscreve na vida cotidiana e ancora-se nas vivências intersubjetivas, o saber científico, além de sua suscetibilidade a diversos modos de funcionamento, mostra-se resistente e se constitui institucionalmente.

Conclusões

Esta pesquisa procurou compreender os sentidos das representações sociais apreendidas de estudantes do BI em Saúde da UFBA, sobre a pessoa travesti, que apontaram que as alterações e/ou modificações corporais se constituem o passo inicial no processo de autoafirmação para 'ser/tornar-se' travesti. Para o grupo investigado não se 'nasce' travesti. O 'tornar-se' travesti faz parte de um processo que perpassa a tomada de decisão individual, de acordo com a vontade, desejo e motivações próprias. Cada pessoa tem a liberdade e o direito para decidir como deve dispor de seu corpo, assim como escolher o melhor momento para recorrer ao uso dessas tecnologias e/ou não.

Apesar dos resultados apontarem sensibilidade e respeito para com as travestilidades, as evocações atribuídas como mais importantes conotam a

orientação sexual como sinônima da identidade travesti. Outra evidência que merece destaque é a concepção da travesti como 'pecado'. No entanto, se observa que, apesar do caráter religioso dessa representação, ela não é consensual entre a(o)s estudantes que se autorreferiram como protestantes, o que permite inferir que, em que pese a crença religiosa, o respeito à autonomia da pessoa prevalece como regra essencial.

A partir dessas elucidações, pretende-se não apenas compreender o modo como a pessoa travesti é concebida, mas contribuir para que estudantes e profissionais de saúde possam refletir acerca do acolhimento e dispensa de cuidados a esse segmento populacional. Espera-se que aspectos como o preconceito e a não aceitação de gêneros divergentes da norma se revertam, para que travestis tenham suas singularidades respeitadas, através de um atendimento humanizado e condizente com suas reais necessidades.

Destarte, as representações sociais, de maneira geral, considerando o modo como esse objeto é concebido e definido, podem possibilitar a composição de um marco teórico que contribua para desmitificar, explicar e fomentar discussões atuais no que se refere aos processos identitários enquanto modos de 'ser/estar' travesti. Enfatiza-se ainda que os resultados desta pesquisa demonstraram a importância da utilização da teoria das representações sociais, uma vez que as produções empíricas se complementaram para explicação e compreensão do respectivo objeto que, em nossa investigação, é a pessoa travesti.

Referências

1. Biscarde DGS, Pereira-Santos M, Silva LB. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. Interface (Botucatu). [Internet]. 2014 [acesso em 10 Abr 2016]; 18(48):177-86. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.590/1807-57622013.0586>
2. Batista KBC, Gonçalves OSJ. Formação dos profissionais de saúde para o SUS: significado e cuidado. Saude soc. [Internet]. 2011 [acesso em 10 Abr 2016]; 20(4):884-99. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000400007>
3. Feuerwerker LCM. Educação dos profissionais de saúde hoje

problemas, desafios, perspectivas e as propostas do Ministério da Saúde. Rev Abeno. 2003; 3: 24-7.

4. Pereira SCL, Reis VOM, Lanza CRM, Aleixo IMS, Vasconcelos MMAI. Percepção de monitores do PET-Saúde sobre sua formação e trabalho em equipe interdisciplinar. Interface (Botucatu) [Internet]. 2015 [acesso em 10 Abr 2016]; 19(1): 869-78. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0840>.
5. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde [Internet]. Salvador; 2010 [acesso em 20 Mar 2016]. Disponível em: <http://www.ihac.ufba.br/download/bi-legisla%C3%A7%C3%A3o/PROJETO%20PEDAGOGICO%20DO%20BI%20SAUDE.pdf>
6. Almeida Filho, N. O modelo universidade nova. In: Santos, BS, Almeida Filho, N. A universidade no século XXI: para uma universidade nova. Coimbra: Edições Almedina; 2008. p. 139-57.
7. CIANCIARRULO TI, organizadora. Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu; 2007. p.151-54.
8. Moreira, MASP, Cardoso, MBC, Jesuíno, JC, Gaspar, MF. A saúde no olhar de imigrantes brasileiros. In: Silva, AO, Costa, ICC, Alves, MSCF, organizadoras. Investigação em saúde: múltiplos enfoques. Natal: EDUFRN; 2011. p. 127-43.
9. Romano VF. As travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. Saude soc. [Internet]. 2008; June [acesso em 27 Abr 2016]; 17(2): 211-19. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000200019>
10. Porcino CA, Coelho MTAD, Oliveira JF. “Sem direito a viver de dia”: representações sociais de estudantes universitários sobre travestis [Internet]. In: Anais do 8º Colóquio Internacional: “Educação e Contemporaneidade”; 2014; São Cristóvão, SE, Brasil. São Cristóvão, SE; 2014. 1-12 [acesso 12 Mar 2016]. Disponível em: <http://educonse.com.br/viiicolquio/cdanais.asp?id=387>
11. Jara Casco ACA. O arco das lapas: um estudo de antropologia urbana uma [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Museu Nacional, Universidade Federal Rio de Janeiro; 2007.
12. Romano VF. No trabalho com as travestis: reminiscências de uma médica de família. Boletim ABIA. [Internet]. 2010 [acesso em 14 Abr 2016]; 57: 8-9. Disponível em: http://abiids.org.br/_img/media/boletimAbia_57.pdf
13. Jesus, JG. Homofobia: identificar e prevenir. Rio de Janeiro: Metanoia; 2015.
14. Simpson, K. Travestis: entre a atração e a aversão. In: Venturi, G, Bokany, V, organizadores. Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2011. p. 109-17.

15. Benedetti, M. Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.
16. Jodelet, D. Recentes desenvolvimentos da noção de representações nas ciências sociais. In: Almeida, AMO, Jodelet, D, organizadoras. Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. 1ª ed. Brasília, DF: Thesaurus; 2009. p. 105-22.
17. Spink, MJP. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. Cad. Saúde Pública [Internet]. 1993 [acesso em 12 Mar 2016]; 9(3): 300-08. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>
18. Moscovici, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2013.
19. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução n º 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Diário Oficial da União. [Internet]. 12 dez 2012. [acesso em 10 Abr 2016]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
20. Bardin, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
21. Ratinaud P, Marchand P. Application de laméthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilités des “mondes lexicaux”: Analysedu “Cable Gate” avec IraMuTeQ. In *Actes des 11 eme Journées Internationales d’Analyse Statistique des Données Textuelles*, Liège: JADT; 2012: 835– 44.
22. Peres, WS. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: Uziel NA, Rios LF, Parker, RG, organizadores. Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidades IMS/UERJ e ABIA; 2004. p. 115-28.
23. Peres, WS. Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá; 2015.
24. Kulick, D. Travestis: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008.
25. Pelúcio, L. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Ananblume, Fapesp; 2009.
26. Lee, D. A geografia de uma travesti é uma barra, é matar um leão a cada dia. In: Silva JM, Ornat MJ, Chimin Junior AB, organizadores. Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa, PR: Todapalavra; 2013. p. 27-38.
27. Arruda, A. Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais. In: Sousa CP, Ens RT, Villas Bôas L, Novaes AO, Stanich KAB, organizadoras. Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 2014. p. 65-85.

28. Nikaratty, L. O que me marcou na vida é ser barrada e não poder entrar nos lugares: esta é a geografia de uma travesti. In: Silva JM, Ornat MJ, Chimin Junior AB, organizadores. Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa, PR: Todapalavra; 2013. p. 39-54.

29. Denizart, H. Engenharia erótica: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 1997.

30. Muszkopf, AS. Via(da)gens teológicas: itinerários de uma teologia *queer* no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial; 2012.

31. Ministério da Saúde (Brasil). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília, DF: MS; 2012.

Colaboradore(a)s

Os autores participaram, igualmente, da concepção, delineamento, coleta, análise, interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, buscando apreender as representações sociais de estudantes do BI em Saúde, convém mencionar o impacto que sua construção teve em minha vida, pois esta não foi uma tarefa fácil. Esta proposta me tocou profundamente, por conhecer a dura realidade enfrentada cotidianamente por travestis e mulheres e homens transexuais no acesso aos serviços de saúde, principalmente porque esta temática ainda é pouco discutida nos cursos de formação superior em saúde.

A escolha da TRS como referencial teórico e metodológico foi adequada, à medida que demandou a utilização do TALP enquanto técnica projetiva que propiciou alcançar os objetivos: apreender as representações sociais de estudantes do BI em Saúde sobre a pessoa travesti e compreender os sentidos das representações sociais apreendidas. O estudo foi embasado a partir da vertente estrutural da TRS, que propiciou desvendar o conteúdo e a estrutura das representações sociais do grupo investigado.

Acessar as representações sociais acerca da pessoa travesti, sob o ponto de vista do grupo de pertencimento, possibilita compreender sobre quais perspectivas serão dispensados os cuidados a travestis no âmbito da saúde, especialmente por aquela(e)s estudantes que, por ocasião da progressão linear, migrarem para outros cursos da área da saúde. Nesse sentido, os conteúdos das representações revelaram, também, que os sentimentos afetivos da(o)s participantes são carregados de elementos de sensibilidade e compreensão.

Na medida em que foram analisados os conteúdos das representações sociais para o objeto proposto, pode-se confirmar o pressuposto inicial que, apesar da sensibilidade e respeito para com a pessoa travesti, de maneira geral a(o)s participantes não apontaram diferenças entre a orientação sexual e a identidade de gênero travesti. Ademais, frente ao modo como a pessoa travesti foi retratada pelo grupo investigado, através das evocações obtidas com o auxílio do TALP, emergiram reflexões sobre a necessidade da discussão dessa temática, de modo transversal, especialmente no que tange à formação em saúde.

No primeiro artigo, denominado “Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti”, apresentamos e discutimos os dados oriundos do TALP, em ordem direta, processados pelo *software* EVOG, que permitiu a elaboração do quadro de casas, objetivando a identificação dos elementos constituintes do núcleo central. Visando sua confirmação, conforme preconiza a teoria do núcleo central, ou a centralidade desses elementos, como também se denomina, utilizou-se a árvore máxima de similitude, elaborada após o processamento das evocações pelo *software* IRAMUTEQ. Os elementos que compõem o possível núcleo central *homossexual, mulher, diferente, opção, transformação, alegria, pessoa, identidade e homem* conotam um forte valor simbólico e afetivo dos campos semânticos, em estreita interrelação com a identidade e a esfera da sexualidade, demarcadas por *opção*.

No segundo artigo, intitulado “Ser travesti é... “ter atitude por se ‘assumir’ diferente”: um estudo de representações sociais”, realizou-se uma discussão dos dados empíricos inerentes às justificativas das evocações classificadas como mais importantes e processadas pelo *software* IRAMUTEQ, baseando-se na classificação hierárquica descendente, resultando na conformação de quatro classes. Para o grupo investigado não se nasce, ‘torna-se’ travesti e esta condição ainda se mostra como sinônima da orientação sexual.

Muito embora a pesquisa retrate uma realidade local, de um curso de graduação em saúde na UFBA, registra-se a necessidade de outros estudos com a intenção de visibilizar essa temática, até então pouco explorada em cursos de formação superior em saúde, especialmente no que se refere às representações sociais de estudantes de outros cursos, docentes e de profissionais de saúde, não apenas sobre as travestis, mas sobre os demais segmentos representados pelas letras que compõe o acrônimo LGBTT.

Apesar de não ser representativa da população universitária, esta análise desvenda elementos importantes sobre as representações sociais atribuídas à pessoa travesti, principalmente por tratar de representações de estudantes do BI em Saúde e possibilitar reflexões acerca das pessoas cujas identidades de gênero divergem do

padrão heteronormativo, bem como acerca dos possíveis impactos frente aos processos de acolhimento e dispensa de cuidados no âmbito da saúde.

Assim sendo, acreditamos ser emergente a necessidade de investimentos na formação superior em saúde com o objetivo de ampliar as possibilidades de atuação profissional com base na transversalização das temáticas sobre as identidades gênero divergentes e seu acesso à saúde integral de modo equânime, bem como a reestruturação dos serviços de saúde com vistas à minimização da violência institucional e o combate à transfobia.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 27-38.

_____. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. S. (Org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 37-57.

ALEXANDRE, M. O saber popular e sua influência na construção das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 161-171, 2000.

ALMEIDA FILHO, N. **Universidade nova**: textos críticos e esperançosos. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. O modelo universidade nova. In: SANTOS, B. S.; _____. **A universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: Edições Almedina; 2008. p. 139-57.

ARRUDA, A. Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais. In: SOUSA, C. P. et al. (Org.). **Angela Arruda e as representações sociais**: estudos selecionados. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014, p. 65-85.

AYRES, J. R.; PAIVA, V.; BUCHALLA, C. M. Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde: uma introdução. In: _____. (Org.). **Vulnerabilidade e direitos humanos - prevenção e promoção da saúde**: da doença à cidadania. Livro 1. Curitiba: Juruá, 2012. p. 9-22.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, K. B. C.; GONCALVES, O. S. J. Formação dos profissionais de saúde para o SUS: significado e cuidado. **Saude soc.**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 884-899, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000400007>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENEDETTI, M. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. Apresentação. In: PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 17-23.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BISCARDE, D. G. S.; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L. B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 177-186, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832014000100177&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BOULEVARD, G. Vida de travesti é luta! Luta contra a morte, luta contra o preconceito, luta pela sobrevivência e luta por espaço. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JÚNIOR, A. B. (Org.). **Geografias malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa, PR: Toda palavra, 2013. p. 69-81.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Travestis ganham campanha contra aids e preconceito**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/travestis-ganham-campanha-contra-aids-e-preconceito>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria GM/MS nº 675, de 30 de março de 2006**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/CIB/LEGIS/PortGMMS_675_30marco_2006_carta_dos_direitos.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

_____. Ministério da Saúde. **Carta dos direitos dos usuários da saúde**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_direito_usuarios_2ed2007.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Campanha. **Sou travesti**: tenho direito de ser quem eu sou. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/travestis>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. Ministério da Saúde. **Carta dos direitos dos usuários da saúde**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <<http://www.use.ufscar.br/direitos-e-deveres-dos-usuarios/carta-direitos-usuarios>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 10 abr. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília, DF: MS, 2012.

CABRAL, V.; SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Espaço e morte nas representações sociais de travestis. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JÚNIOR, A. B. (Org.).

Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Curitiba: Toda Palavra, 2013. p. 271-304.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

CIANCIARRULO, T. I. Os instrumentos no desenvolvimento do processo cuidativo: aprendizagem e aplicação. In: _____. (Org.) **Instrumentos básicos para o cuidar:** um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 2007, p.151-154.

CUCHE, D. **O conceito de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

DENIZART, H. **Engenharia erótica:** travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DESCHAMPS, J-C.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social:** dos processos identitários às representações sociais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DUQUE, T. **Montagens e desmontagens:** desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

FEUERWERKER LCM. Educação dos profissionais de saúde hoje problemas, desafios, perspectivas e as propostas do Ministério da Saúde. **Rev Abeno.** v. 3, p. 24-7, 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 25.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GEISLER, A.; MARTINS, A. P. A. Do “ultraje público” a potência dos corpos “obscenos”: o direito (penal) na perspectiva *queer*. In: GEISLER, A. R. R. (Org.). **Protagonismo trans*:** política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói, RJ: Alternativa, 2015. p. 145-164.

JARA CASCO A. C. A. **O arco das lapas:** um estudo de antropologia urbana. 2007. 343 f. Tese (Doutorado) - Museu Nacional, Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

JESUINO, J. C. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das representações sociais:** 50 anos. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 42-75.

JESUS, J. G. **Homofobia:** identificar e prevenir. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

_____. Experiência e representações sociais. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. (Org.). **Experiência e representação e social:** questões teóricas e metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 23-56.

_____. Recentes desenvolvimentos da noção de representações nas ciências sociais. In: ALMEIDA, A. M. O.; JODELET, D. **Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas**. Brasília, DF: Thesaurus, 2009. p.105-122.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros**. Curitiba: Transgente, 2015.

LEE, D. A geografia de uma travesti é uma barra, é matar um leão a cada dia. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JÚNIOR, A. B. (Org.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa, PR: Toda palavra, 2013, p. 27-38.

LIMA, F. Biotecnologias, modos de subjetivação e práticas de si nos processos de hormonização entre homens transexuais. In: _____. **Corpos, gêneros, sexualidades: políticas de subjetivação – textos reunidos**. 2. ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. p. 111-130.

LOPES, C. R. A epidemia mudou, e o mundo também. **Radis**, Rio de Janeiro, n.40, p.10-16, dez. 2005. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/40/reportagens/epidemia-mudou-e-o-mundo-tambem>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

LOPES, S. H. S. S. Corpo, metamorfose e identidades: de Alan a Elisa Star. In: LEAL, O. F. **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 227-231.

MATÃO, M. E. L. et al. Representações da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e de medicina. **Rev. Baiana saúde pública**, v. 34, n. 1, p. 101-118, jan.-mar. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/16/21>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

MOREIRA, A. S. P.; SOUZA FILHO, E. A. Representações sociais da epilepsia: como me percebo... como sou percebido. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 203-222.

_____. et al. A saúde no olhar de imigrantes brasileiros. In: SILVA, A. O. COSTA, I. C. C.; ALVES, M. S. C. F. (Org.). **Investigação em saúde: múltiplos enfoques**. Natal: EDUFRN; 2011. p. 127-43.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUSSKOPF, A. S. **Via(da)gens teológicas:** itinerários de uma teologia *queer* no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

NIKARATTY, L. O que me marcou na vida é ser barrada e não poder entrar nos lugares: esta é a geografia de uma travesti. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.). **Geografias malditas:** corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa, PR: Toda palavra, 2013. p. 39-54.

OLIVEIRA, D. et al. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. et al (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais.** João Pessoa: UFPB, 2005. p. 573-603.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo:** uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PEREIRA, S. C. L. et al. PET-Health monitors perceptions regarding their education and interdisciplinary teamwork. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 19, supl. 1, p. 869-878, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000500869&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2016.

PERES, W. S. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. G. (Org.). **Construções da sexualidade:** gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidades. Rio de Janeiro: IMS/UERJ e ABIA, 2004. p. 115-28.

_____. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, L. A. F.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. (Org.) **Michel Foucault:** sexualidade, corpo e direito. Marília, SP: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 69-104.

_____. **Travestis brasileiras:** dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá; 2015.

PORCINO, C. A.; GUIMARÃES NETO, L. L.; RODRIGUES, A. M. M. A travesti e o profissional de enfermagem: a humanização como contribuição para diminuir o preconceito e promover o respeito à identidade de gênero. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 2012, **Anais...** v.1, n.1, Salvador, BA: UFBA, 2012.

_____. COELHO, M. T. A. D.; OLIVEIRA, J. F. “Sem direito a viver de dia”: representações sociais de estudantes universitários sobre travestis. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: “Educação e Contemporaneidade”, 8., 2014, São Cristóvão, SE. **Anais...** São Cristóvão, SE, 2014. p. 1-12. Disponível em: <<http://educonse.com.br/viiicoloquio/cdanais.asp?id=387>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

RATINAUD, P.; MARCHAND, P. Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux”: Analyse du “Cable Gate” avec IramuTeQ. In: **Actes des 11eme Journées Internationales d’Analyse Statistique des Données Textuelles**. Liège: JADT, 2012. p. 835-844.

REIS, A. O. A. et al. Desvelando o programa EVOC 2000. In: REIS, A. O. A.; SARUBBI JÚNIOR, V.; BERTOLINO NETO, M. M.; ROLIM NETO, M. L.; (Org.). **Tecnologias computacionais para o auxílio em pesquisa qualitativa - software EVOC**. São Paulo: Schoba, 2013.

ROCHA, M. N. D. et al. Educação superior em saúde: contexto institucional de criação do bacharelado interdisciplinar. In: TEIXEIRA, C. F.; COELHO, M. T. Á. D. (Org.). **Uma experiência inovadora no ensino superior: bacharelado interdisciplinar em saúde**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 33-52.

ROCHA, R. M. G.; PEREIRA, D. L.; DIAS, T. M. O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p.554-565, jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902013000200024>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ROMANO, V. F. As travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 211-219, jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000200019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2016.

_____. No trabalho com as travestis: reminiscências de uma médica de família. **Boletim ABIA**. N. 57, p. 8-9, 2010. Disponível em: <http://abiaids.org.br/img/media/boletimAbia_57.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SÁ, C. P. Teoria e pesquisa do núcleo central das representações sociais. In: _____. **Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. p. 209-226.

SANTOS, A. S. Transexualidade e travestilidade: conjunções e disjunções. In: COELHO, M. T. Á. D.; SAMPAIO, L. L. P. (Org.). **Transexualidades: um olhar multidisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 79-97.

SANTOS, L.; PINTO, I. C. M.; ALMEIDA FILHO, N. Formação universitária e o mundo do trabalho na saúde coletiva: um encontro possível? In: SANTOS, G. G.; SAMPAIO, S. M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e cultura universitárias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 205-224.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMPSON, K. Travestis: entre a atração e aversão. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 109-117.

_____. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. p. 9-15.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, set. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2016.

TAGLIAMENTO, G. **A arte dos (des)encontros**: mulheres trans e a saúde integral. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

TEIXEIRA, C. F. S.; COELHO, M. T. Á. D.; ROCHA, M. N. D. Bacharelado interdisciplinar: uma proposta inovadora na educação superior em saúde no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1635-1646, jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600015>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). **Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares**. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em: <<http://www.ihac.ufba.br/download/bi-legisla%C3%A7%C3%A3o/PROJETO%20PEDAGOGICO%20DO%20BI%20SAUDE.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.



_____. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU). **Resolução nº 003, de 26 de abril de 2011**. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.eisu.ihac.ufba.br/sites/eisu.ihac.ufba.br/files/Resolucao%20003%202011%20-%20Atividades%20Curriculares%20Doutorado%20e%20Mestrado.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

VERGÈS, P. **Ensemble de programm espermittantl'analyse des évocations**. Manuel d'utilisateur. Aix em Provence: Université Aix em Provence, 2003.

VERGUEIRO, V. Reflexões autoetnográficas trans* sobre saúde: invisibilizações e marginalizações sistêmicas, e resistências à patologização e normatização das diversidades de gênero. In: GEISLER, A. R. R. (Org.). **Protagonismo trans***: política, direito e saúde na perspectiva da integralidade. Niterói, RJ: Alternativa, 2015. p. 106-133.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Folha de rosto para o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade Rua João de Jeremoabo, s/n, Ondina – CEP 40.170-115, Salvador, Bahia (71) 3233-0190 www.ihu.ufba.br www.ufba.br	
---	---	---

TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

Data: ____/____/____

1. IDENTIFICAÇÃO

Iniciais do nome:		Sexo: <input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Outro _____			
Idade:	Religião:		Estado civil:		
Curso:		Semestre:			
Possui outra Graduação: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		Qual:			
Naturalidade:		Renda familiar aproximada: +ou- R\$			
Cor autodeclarada	<input type="checkbox"/> Amarela	<input type="checkbox"/> Branca	<input type="checkbox"/> Indígena	<input type="checkbox"/> Parda	<input type="checkbox"/> Preta
Como você se autorrefere					
1. <input type="checkbox"/> Lésbica		4. <input type="checkbox"/> Heterossexual		Identidade de Gênero:	
2. <input type="checkbox"/> Gay		5. Outro _____		1. <input type="checkbox"/> Travesti	
3. <input type="checkbox"/> Bissexual				2. <input type="checkbox"/> Mulher Transexual	
				3. <input type="checkbox"/> Homem Transexual	
				4. <input type="checkbox"/> Outro _____	
Gênero: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro _____					
Exerce alguma atividade remunerada: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Qual: _____					

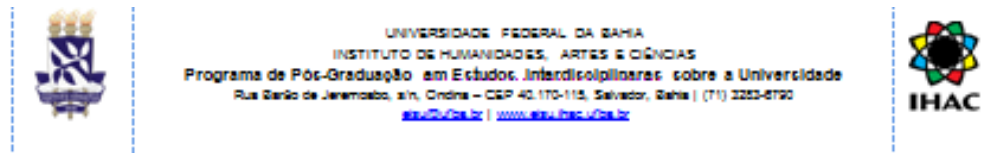
2. ESTÍMULO

1. O que lhe vem à cabeça quando falo a palavra TRAVESTI?

1. _____ (_____)	Justificativa _____
2. _____ (_____)	_____
3. _____ (_____)	_____
4. _____ (_____)	_____
5. _____ (_____)	_____

Coloque por ordem de importância as palavras citadas.

APÊNDICE B - Roteiro para aplicação do Desenho-Estória com Tema



DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA

Data: ____/____/____



1. IDENTIFICAÇÃO

Iniciais do nome:		Sexo: <input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Outro _____			
Idade:	Religião:		Estado civil:		
Curso:		Semestre:			
Possui outra Graduação: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		Qual: _____			
Naturalidade:		Renda familiar aproximada: +ou- R\$ _____			
Cor autodeclarada:	<input type="checkbox"/> Amarela	<input type="checkbox"/> Branca	<input type="checkbox"/> Indígena	<input type="checkbox"/> Parda	<input type="checkbox"/> Preta
Como você se autorrefere					
1. <input type="checkbox"/> Lésbica 2. <input type="checkbox"/> Gay 3. <input type="checkbox"/> Bissexual		4. <input type="checkbox"/> Heterossexual 5. Outro _____		Identidade de Gênero: 1. <input type="checkbox"/> Travesti 2. <input type="checkbox"/> Mulher Transexual 3. <input type="checkbox"/> Homem Transexual 4. <input type="checkbox"/> Outro _____	
Gênero: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro _____					
Exerce alguma atividade remunerada:		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		Qual: _____	

2. QUESTÃO

- 2.1 Represente através de desenhos o que a pessoa travesti atualmente significa para você.
- 2.2 Em seguida, conte uma estória sobre o desenho e dê um título para ele.

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturado

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade Rua São João de Jeremoabo, s/n, Ondina – CEP 40.170-115, Salvador, Bahia (71) 3253-6190 www.ufba.br www.ihu.ufba.br	
---	---	---

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: ___/___/___

1. IDENTIFICAÇÃO

Iniciais do nome:		Sexo: <input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Outro _____			
Idade:	Religião:		Estado civil:		
Curso:		Semestre:			
Possui outra Graduação: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		Qual: _____			
Naturalidade:		Renda familiar aproximada: +ou- R\$ _____			
Cor autodeclarada:	<input type="checkbox"/> Amarela	<input type="checkbox"/> Branca	<input type="checkbox"/> Indígena	<input type="checkbox"/> Parda	<input type="checkbox"/> Preta
Como você se autorrefere					
1. <input type="checkbox"/> Lésbica		4. <input type="checkbox"/> Heterossexual		1. <input type="checkbox"/> Travesti	
2. <input type="checkbox"/> Gay		5. Outro _____		2. <input type="checkbox"/> Mulher Transsexual	
3. <input type="checkbox"/> Bissexual				3. <input type="checkbox"/> Homem Transsexual	
				4. <input type="checkbox"/> Outro _____	
Gênero: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro _____					
Exerce alguma atividade remunerada: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Qual: _____					

2. QUESTÃO NORTEADORA

2.1 Diga-me o que você pensa sobre a pessoa TRAVESTI.

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
 Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade
 Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Ondina – CEP 40.170-115, Salvador, Bahia | (71) 3283-6790
eisu@ufba.br | www.eisu.ihac.ufba.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou sendo convidada(o) a participar de um estudo denominado “QUEM VOCÊ PENSA QUE ELA É?: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ACADÊMICOS DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA UFBA ACERCA DA TRAVESTI”, cujo objetivo principal é compreender as representações sociais entre alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA, sob a responsabilidade do mestrando Carlos Alberto Porcino, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho e co-orientação da Profa. Dra. Jeane Freitas de Oliveira. Diante da escassa produção acerca desse tema, sou uma das pessoas mais indicadas para colaborar com este estudo, já que integro o referido curso. Esta pesquisa contribuirá para que os futuros serviços prestados a travestis, assim como o acolhimento e o cuidado dispensados a essa população no setor saúde sejam condizentes com suas reais necessidades. Além disso, também contribuirá para o enriquecimento do debate científico sobre o assunto para os campos da Educação e da Saúde, bem como para a formação de futuros profissionais em saúde. Essa é uma condição fundamental que objetiva diminuir as iniquidades a que está exposta essa população ao buscarem os serviços de saúde.

A minha participação neste estudo será no sentido de responder a evocação do teste de associação livre de palavras, do desenho-estória com tema, por escrito, e de participar de uma entrevista gravada com gravador de voz/Mp3, que aprofunde o tema da investigação. Tomei conhecimento de que a aplicação do teste de associação livre de palavras, desenho-estória com tema, assim como a realização da entrevista será feita pelo próprio pesquisador, que as informações fornecidas por mim serão transcritas também por ele e que farão parte de trabalhos apresentados e publicados em congressos, revistas ou livros, com a garantia do meu anonimato. Fui alertada(o) de que não usufruirei de nenhum benefício direto, oriundo desta pesquisa. Entretanto, caso eu tenha despesas decorrentes da minha participação nela, terei a garantia de ressarcimento das mesmas pelo pesquisador responsável. Embora este estudo ofereça riscos mínimos, estou assegurada(o) de que, em caso de algum desconforto decorrente de minha participação nesta pesquisa, terei assistência junto ao Serviço Médico Universitário Rubens Brasil (SMURB). Visando reduzir esse risco, meu depoimento será realizado de modo sigiloso, as informações prestadas por mim serão analisadas cientificamente e minha privacidade será respeitada, mesmo após o término da minha participação, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar será mantido em sigilo, conforme preconiza a Resolução 466/2012, que regulamenta pesquisas com seres humanos. Estou ciente de que esses dados ficarão guardados sob a tutela do pesquisador responsável, pelo período de cinco anos, após o que eles serão destruídos. Também fui informada(o) de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer momento, bem como retornar a participar do mesmo, sem precisar justificar, e de que, por desejar sair da pesquisa ou retornar a ela, não sofrerei qualquer prejuízo. Por fim, caso eu sofra algum dano decorrente da minha participação neste estudo, terei a garantia de indenização diante do mesmo.

O pesquisador responsável pelo referido projeto é Carlos Alberto Porcino, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU)/Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), da UFBA,

localizado na Rua Barão de Jeremoabo, s/n, PAF 4, Campus de Ondina, Salvador. Com ele poderei manter contato através do telefone (71) 8798-1699. Estou ciente de que me é assegurada(o) assistência durante toda a pesquisa, nas questões referentes à mesma, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido informada(o) quanto ao teor aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo deste estudo, aceito participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum custo, valor econômico a receber ou a pagar, por minha participação. Eu assino este documento em duas vias e uma delas fica comigo.

Salvador, _____ de _____ de 2014.

Carlos Porcino
Pesquisador responsável

Participante

ANEXOS

ANEXO A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA/Plataforma Brasil

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUEM VOCÊ PENSA QUE ELA É?: Representações sociais de estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia acerca da travesti

Pesquisador: Carlos Alberto Porcino

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 30908414.8.0000.5531

Instituição Proponente: Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 684.219

Data da Relatoria: 04/06/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia como requisito para participação do Processo Seletivo do curso de mestrado. Segundo autor, tem como fio condutor, compreender e analisar os sentidos e significados atribuídos por acadêmicos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, da Universidade Federal da Bahia acerca do travesti. O estudo será desenvolvido nas áreas externas e internas do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Salvador-Bahia.

Deverão participar da investigação, acadêmicos do BIS, com idade igual ou superior a 18 anos, com abordagem individual. Os dados serão coletados de forma individual pelo pesquisador e em horário programado, através de roteiro de entrevista gravada, da Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP, e do Desenho-Estória com Tema. Segundo os autores, os resultados obtidos deverão ser estratificados e analisados a partir da análise de conteúdo temática. Os dados oriundos da associação livre de palavras serão processados pelo Esemble de Programmes Permettant l'Analyse de Évocations - EVOC 2000 e os dados obtidos a partir do Desenho-Estória com tema serão respectivamente enumerados e agrupados, considerando a temática principal das estórias.

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 684.219

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário

Apreender as Representações Sociais de acadêmicos do BIS sobre a pessoa travesti; Compreender os significados das Representações Sociais apreendidas acerca da Travesti; Identificar situações de vulnerabilidades para as travestis, a partir das Representações Sociais apreendidas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

O autor destaca que por ocasião das entrevistas existe a possibilidade de riscos de desconforto. Que sentimentos sejam aflorados e, por conseguinte, a elevação da carga emocional. Especificamente, nesses casos, a/o participante será acolhida/o de acordo com a necessidade individual. Será facultado ainda, seu encaminhamento ao Serviço Médico Universitário.

Benefícios

Para os autores o estudo, busca subsídios que contribuam para a reflexão sobre a questão investigada nas áreas da Educação e da Saúde. Mais especificamente ao acolhimento e ao cuidado dispensados a travestis no setor saúde. Pretende colaborar para que no futuro, os serviços prestados a essa população sejam adequados com suas necessidades. E, para essa oferta de qualidade, a formação profissional não deve ser focada apenas no tecnicismo, é necessário pensar em uma formação integral que estabeleça conexões entre a produção de conhecimentos, a prática profissional e transformação da vida das pessoas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema proposto para investigação é relevante, atual e pouco investigado; o projeto atende as exigências de um trabalho acadêmico. A descrição metodológica revela clareza em todas as suas etapas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram contemplados, e os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos com destaque para o TCLE descrito de modo transparente e compreensível, foram respeitados pelos autores.

Recomendações:

Não se aplica

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 884.210

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os termos de apresentação obrigatória foram contemplados.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado aprova o Parecer de APROVAÇÃO emitido pelo relator.

SALVADOR, 11 de Junho de 2014

Assinado por:
Dra DARCI DE OLIVEIRA SANTA ROSA
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

ANEXO B - Print do comprovante de submissão do Artigo 1 - Saúde e Sociedade)**Carlos Porcino**

De: Saúde e Sociedade [noreply.ojs@scielo.org]
Enviado em: quarta-feira, 29 de junho de 2016 12:24
Para: Sr. Carlos Alberto Porcino
Assunto: [SaúdeSociedade] Agradecimento pela Submissão - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PESSOA TRAVESTI

Sr. Carlos Alberto Porcino,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE A PESSOA TRAVESTI" para Saúde e Sociedade. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:

<http://submission.scielo.br/index.php/sausoc/author/submission/165922>

Login: porcino

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Saúde e Sociedade
Saúde e Sociedade

Saúde e Sociedade

<http://submission.scielo.br/index.php/sausoc>

ANEXO C - Quadro de Casas - Relatório emitido pelo software EVOC

Les 3 colonnes correspondent respectivement :

au Mot

à sa Fréquence

à son Rang Moyen

Le Fréquence minimale des mots est 8

Cas ou la Fréquence ≥ 22

et

le Rang Moyen < 3

alegria	39	2,974
diferente	51	2,863
homem	29	1,793
homossexual	66	2,076
identidade	38	2,895
mulher	56	2,446
opcao	50	2,940
pessoa	32	2,438
transformacao	46	2,761

Cas ou la Fréquence ≥ 22

et

le Rang Moyen ≥ 3

coragem	29	3,034
genero	23	3,130
preconceito	94	3,138
prostituicao	22	3,545

Cas ou la Fréquence < 22

et

le Rang Moyen < 3

arte	9	2,444
diversidade	9	2,667
fantasia	9	2,889
liberdade	18	2,444
maquiagem	15	2,600
sexualidade	12	2,833
transexual	20	1,950

Cas ou la Fréquence < 22
et
le Rang Moyen >= 3

aceitacao	8	4,000
baixaria	9	3,444
beleza	20	3,250
boate	9	3,778
dificuldade	9	3,778
inconformismo	9	3,444
luta	11	3,545

ANEXO D - *Print* do comprovante de submissão do Artigo 2 - Interface - Comunicação, Saúde, Educação

Carlos Porcino

De: onbehalfof+intface+fmb.unesp.br@manuscriptcentral.com em nome de Interface - Comunicação, Saúde, Educação
[onbehalfof+intface+fmb.unesp.br@manuscriptcentral.com]
Enviado em: segunda-feira, 11 de julho de 2016 21:17
Para: carlos.porcino@outlook.com; carlosporcino@ig.com.br
Cc: carlos.porcino@outlook.com; carlosporcino@ig.com.br; therezacoelho.ihac@gmail.com; jeane.foliveira@outlook.com
Assunto: Interface - Comunicação, Saúde, Educação - ID ICSE-2016-0694

11-Jul-2016

Prezado (a) Mr. Porcino:,

Seu manuscrito intitulado "Ser travesti é... ter atitude por se 'assumir' diferente": um estudo de representações sociais" foi submetido com sucesso e será encaminhado para avaliação, visando à sua publicação em Interface - Comunicação, Saúde, Educação.

O ID do manuscrito é ICSE-2016-0694 e deverá ser mencionado em toda correspondência enviada para a revista ou em contato com a Interface.

Se houver mudança em seu endereço postal e/ou endereço eletrônico, por favor, acesse ScholarOne Manuscripts no endereço <http://mc04.manuscriptcentral.com/icse-scielo> e faça a atualização de seus dados cadastrais. Enfatizamos a importância de manter também os demais dados do seu perfil atualizados, principalmente as palavras-chave referentes a sua (s) área (s) de conhecimento.

Você pode acompanhar o status do seu manuscrito clicando em Author Center depois de acessar <http://mc04.manuscriptcentral.com/icse-scielo>

Agradecendo pela submissão em Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Atenciosamente,

Antonio Python Cyrino
Editor-chefe
Interface - Comunicação, Saúde, Educação